

SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES

Orgs.

Carlos Wilson de Jesus Pedreira

Josenildo Barbosa Freire



**SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO: REFLEXÕES E
CONTRIBUIÇÕES**

Comissão Editorial

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda

Ma. Marcelise Lima de Assis

Conselho Editorial

Dr. André Rezende Benatti (UEMS*)

Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB*)

Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)

Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE*)

Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)

Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)

Me. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA*)

Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)

Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA*)

Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)

Dr. Washington Drummond (UNEB*)

Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR*)

*Vínculo Institucional (docentes)

Carlos Wilson de Jesus Pedreira

Josenildo Barbosa Freire

ORGANIZADORES

**SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO: REFLEXÕES E
CONTRIBUIÇÕES**



Catu, BA

2022

© 2022 by Editora Bordô-Grená
Copyright do Texto © 2022 Os autores
Copyright da Edição © 2022 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

Editora Bordô-Grená
https://www.editorabordogrena.com
bordogrena@editorabordogrena.com

Projeto gráfico: Editora Bordô-Grená
Capa: Keila Lima de Assis
Editoração: Editora Bordô-Grená
Revisão textual: Anderson de Almeida Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecário responsável: Roberto Gonçalves Freitas CRB-5/1549

S678

Sociolinguística e ensino: [Recurso eletrônico] reflexões e contribuições / Organizadores Carlos Wilson de Jesus Pedreira; Josenildo Barbosa Freire. – Catu: Bordô-Grená, 2022.

1669 kb 83 fls.il:color

Livro eletrônico
Modo de acesso: Word Wide Web
<www.editorabordogrena.com>
Incluem referências

ISBN: 978-65-87035-21-0

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Práticas docentes. 4. I. Título.

CDD 410
CDU 41

Os conteúdos dos capítulos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores.

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO	8
<i>Josenildo Barbosa Freire e Carlos Wilson de Jesus Pedreira</i>	
DA LINGUÍSTICA FORMAL À LINGUÍSTICA SOCIAL: O ENFOQUE SOCIAL NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS	11
<i>João Vitor Cunha Lopes</i>	
SOBRE OS VERBOS TER E HAVER: UM OLHAR VARIACIONISTA NO GÊNERO REDAÇÃO	36
<i>Marcos Antônio da Silva</i>	
OS MEMES PIAUIENSES DA PÁGINA “SURICATE SEBOSO” SOB UMA PERSPECTIVA VARIACIONISTA	47
<i>Fátima Ingrid Bezerra Bonfim e Vilcarlos Pereira de Carvalho</i>	
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: É POSSÍVEL ARTICULÁ-LOS?	63
<i>Josenildo Barbosa Freire e Carlos Wilson de Jesus Pedreira</i>	
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	80
SOBRE OS ORGANIZADORES	82

APRESENTAÇÃO

Variar e mudar constituem propriedades das línguas naturais e, desse modo, é necessário demonstrá-las por meio de descrições e análises sociolinguísticas, evidenciadas em processos e fenômenos relevantes existentes em uma dada língua.

Os estudos variacionistas de cunho laboviano alcançaram maior visibilidade nas pesquisas linguísticas a partir dos trabalhos realizados por Labov (1963, 1966; 2008 [1972]), sobretudo, ao indicarem que os usos sociolinguísticos são condicionados por restrições linguísticas e sociais. Desse modo, os usos linguísticos constituem, na terminologia laboviana, uma regra variável. Também, verificamos que os estudos variacionistas estão na pauta do dia da agenda linguística.

Nesta presente obra, os autores assumem essa perspectiva de linguagem – ou um aspecto interdisciplinar - e trazem à tona questões diversas vinculadas com a variação linguística concebida no âmbito da Teoria da Variação e da Mudança Linguística.

O livro está organizado em quatro capítulos que se interpenetram e se completam ao evidenciar e subsidiar a busca por padrões gerais de usos, sobretudo, ao destacar o elemento social como fonte de condicionamento sociolinguístico.

No primeiro capítulo, Lopes resenha uma revisão de literatura acerca das três ondas dos estudos sociolinguísticos, bem como de alguns estudos de produção, avaliação e percepção sociolinguística acerca de alguns fenômenos do português brasileiro. Para tanto, o referido pesquisador, situa-nos desde os estudos pré-saussurianos à consolidação da sociolinguística variacionista; em seguida, descreve e exemplifica com estudos realizados em torno do português do Brasil, as três ondas da

sociolinguística e os padrões gerais de uso; e, por fim, assinala suas palavras finais.

No segundo capítulo, Silva empreende uma análise sociolinguística dos usos dos verbos *ter* e *haver* no gênero redação. Desse modo, o pesquisador realiza uma análise quantitativa e descritiva e comparativa dos usos sociolinguísticos desses dois verbos no já referido gênero textual/discursivo. Inicialmente, o autor apresenta o quadro da vertente variacionista de cunho laboviano; traça o seu percurso metodológico e apresenta seus resultados. Os achados apontam para a direção do processo de esvaziamento semântico do verbo *haver* no corpus investigado, enquanto o verbo *ter* se especializa como verbo existencial.

No terceiro capítulo, Bonfim e Carvalho analisam as variações linguísticas que se materializam nos memes expostos, partindo de informantes piauienses, através da página do Facebook “Suricate seboso”. Por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, os autores procuram analisar as recorrências das variantes linguísticas, sobretudo aquelas presentes na variedade extralinguística espaço geográfico, encontradas na materialização do discurso oral em memes. Evidenciando que a língua encontra-se em um processo constante de mudança e que essa mudança é natural, normal e necessária para o processo de comunicação entre as pessoas.

Por fim, no quarto capítulo, Freire e Pedreira (i) discutem possíveis relações entre a variação linguística e o ensino de língua materna e (ii) apontam algumas intervenções didático-pedagógicas que deem conta da reflexão resultante do objetivo anterior no contexto escolar brasileiro. Assim, o supracitado trabalho aponta o lado “aplicado” da Sociolinguística, mesmo em sua vertente quantitativa. Para alcançar o objetivo de

trabalhos, os pesquisadores variacionistas apresentam a abordagem assumida pela Gramática Tradicional em relação à concordância verbal; situam a perspectiva teórico-metodológica que assumem como ancorarem e fundamentação; descrevem e analisam os dados e apresentamos um modelo de intervenção pedagógica para o tratamento da concordância verbal de primeira pessoa do plural.

Assim, esperamos contribuir para o avanço da nossa área de pesquisa e, ao mesmo tempo, fornecer elementos que desencadeiem a reflexão sobre os usos sociais da língua.

Boa leitura!

Josenildo Barbosa Freire

Carlos Wilson de Jesus Pedreira

CAPÍTULO 1

DA LINGUÍSTICA FORMAL À LINGUÍSTICA SOCIAL: O ENFOQUE SOCIAL NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

João Vitor Cunha Lopes

PALAVRAS INICIAIS

Os estudos sociolinguísticos de cunho variacionista têm se dedicado à descrição dos mais diversos fenômenos linguísticos. Esses estudos, em sua maioria, buscam analisar a produção linguística dos falantes por meio do exame de correlações entre variáveis linguísticas e macrocategorias sociais. Em linhas gerais, os resultados dessas pesquisas indicam os padrões gerais dos usos linguísticos dos indivíduos de uma determinada comunidade de fala. Essa perspectiva de análise foi iniciada pelo estudo seminal de Labov sobre o inglês falado em Nova Iorque, em 1966. No livro *Padrões Sociolinguísticos*¹, Labov trouxe algumas discussões acerca dessa pesquisa mencionada acima, além de outros estudos, fazendo com que a Sociolinguística Variacionista se tornasse um modelo que subsidiasse a busca por padrões gerais de usos.

Mais tarde, dentro do cenário teórico da Sociolinguística, outros métodos de estudos ganharam espaço, como é o caso dos métodos etnográficos. Os estudos de Milroy e Eckert (1980; 2000 *apud* CAMACHO, 2013) são exemplos de pesquisas de cunho etnográfico que investigaram os usos linguísticos de operários e adolescentes brancos, respectivamente, relacionando categorias locais, em comunidades mais específicas, com macrocategorias sociais (OUSHIRO, 2015). Os estudos etnográficos, por sua vez, caracterizam-se por oferecerem resultados empíricos que

¹ LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

indicam categorias sociais mais específicas, além de inserirem alguns conceitos que propiciaram o avanço da pesquisa sobre variação, um deles é o de redes sociais.

Atualmente, os estudos variacionistas têm se voltado para uma perspectiva de análise que se preocupa com o significado social da variação e, embora também tenha iniciado com o estudo de Labov (2008 [1972])² sobre a realização variável de /aw/ e /aj/ na ilha de em Martha's Vineyard, não se desenvolveu amplamente nos estudos sociolinguísticos posteriores. Essa “nova” visão está interessada não em padrões gerais de uso, mas nos significados sociais que envolvem a utilização de variantes linguísticas. Nessa perspectiva, destacam-se os estudos de avaliação (reações conscientes) e percepção sociolinguística (reações inconscientes), que auxiliam no trabalho de acessar os significados sociais que falantes atribuem a certas variáveis linguísticas.

Eckert (2012), a partir do significado social da variação, propõe uma “categorização” que foi denominada de três “ondas” dos estudos variacionistas. Em linhas gerais, as três ondas dos estudos sociolinguísticos se relacionam diretamente às perspectivas de estudos apresentadas nesta introdução. Os estudos que buscam padrões gerais estariam relacionados à primeira e à segunda ondas, por sua vez, as pesquisas que têm enfoque no significado social da variação se encaixam na terceira onda³.

Para tratar sobre essa perspectiva social dos estudos linguísticos, é importante fazer um retorno à formação do

² A publicação original data de 1963.

³ Mendes (2017, p. 106) esclarece que “a terceira onda não deve ser tomada como uma substituição das ‘anteriores’. Com efeito, é uma limitação da metáfora das ondas a sugestão de que a ordem delas pressupõe o fim da primeira e da segunda. Embora os estudos chamados de terceira onda, tal como Eckert (2012) os concebe, sejam de fato mais recentes, não nos esqueçamos de que sua gênese já estava na pesquisa laboviana em Martha's Vineyard”.

pensamento formalista e às ideias linguísticas que propiciaram o advento da Sociolinguística Variacionista. Desse modo, este artigo propõe-se a revisar brevemente os estudos de produção, avaliação e percepção linguística com a finalidade de apresentar a importância desses três tipos de análises na tarefa de desvelar os processos de variação linguística, além de discutir como o aspecto social perpassa esses estudos linguísticos.

DOS ESTUDOS PRÉ-SAUSSURIANOS À SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Os manuais, em sua maioria, apontam Ferdinand Saussure como sendo o pai da Linguística Moderna (FARACO, 2011). Todavia, o interesse por problemas linguísticos é muito anterior à publicação do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2021 [1916]). Por isso, antes da delimitação do seu objeto de pesquisa, o estudo dos fatos da língua passou por três fases sucessivas. As reflexões e as contribuições dos gregos, da Filologia e, principalmente do método comparativo, foram primordiais para o estabelecimento da Linguística como uma ciência autônoma.

Sabe-se que a reflexão em torno de problemas da linguagem se iniciou na antiga Atenas com o célebre diálogo Crátilo do filósofo Platão (WEEDWOOD, 2002). A partir das reflexões contidas nesse diálogo, questões a respeito da arbitrariedade da língua foram levantadas e discutidas. Mais tarde, outros filósofos, como Aristóteles e os estoicos, ampliaram a discussão sobre a língua e as partes do que eles consideraram como sendo discurso, um sistema que, posteriormente, tornou-se a gramática, aquela que, atualmente, denomina-se como

tradicional ou normativa⁴. Esse primeiro momento revela reflexões sobre a língua de base lógica, sem caráter científico. Segundo Martins (2011), o pensamento da antiguidade grega oferece três perspectivas sobre a filosofia da linguagem: realismo, mentalismo e pragmatismo que poderiam ser resumidas em duas perspectivas mais gerais: o essencialismo e o relativismo.

De um lado, o essencialismo, conforme Martins (2011, p. 469), entende que a língua transcende a realidade humana, é objetiva, universal e nasce “[...] em íntima conexão com a orientação platônico-aristotélica, fundando-se, pois, na crença em que verdades essenciais perenes prevalecem sobre consensos voláteis dos homens. O relativismo, por outro lado, compreende que a língua não é apenas a representação de verdades transcendentais, mas sim entendida dentro uma prática dinâmica influenciada pela história e cultura de um povo. Segundo Martins (2011, p. 469), esse modo de compreender os fenômenos linguísticos “emerge alinhado ao ideário sofista, vinculando-se à ideia de que a verdade múltipla e mutável, efeito passageiro dos consensos relativamente precários que regulam as práticas humanas.

A segunda fase dos estudos linguísticos foi representada pela Filologia. Ainda que tenha surgido na Alexandria no século II a. C., somente a partir do século VXII, ela foi amplamente difundida. O principal responsável pela divulgação da Filologia foi Friedrich August Wolf. O interesse central dos estudos filológicos é comentar e interpretar textos, além de comparar textos de diferentes épocas. Ademais, a Filologia também se dedica ao estudo da literatura, da história e dos costumes de um

⁴ Um fato interessante a respeito de algumas dessas formulações é que “todas essas características das definições das partes do discurso emergem da ênfase dos gregos nos aspectos de significado do enunciado, e não nos aspectos formais” (WEEDWOOD, 2002, p. 31).

povo (SAUSSURE, 2021 [1916]. Por fim, a terceira fase iniciou a partir do método de comparar as línguas. Faraco (2011, p. 31) aponta que o nascimento da linguística se dá nos anos finais do século XVIII, “em meio a uma conjuntura de crescente interesse pelas civilizações antigas, o estudo do sânscrito, língua clássica dos hindus”.

Em 1786, William Jones investigou as semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego. De acordo com Faraco (2011, p. 31), “só haveria uma forma de explicar tais semelhanças: uma origem comum dessas três línguas”. Ainda que não tenha sido o primeiro a perceber as semelhanças entre o sânscrito, o grego e latim, William Jones recebeu o crédito por essa descoberta. A partir dessa hipótese, vários outros pesquisadores se dedicaram a comparar as línguas, observando aproximações fonéticas e morfológicas (FARACO, 2011). Em 1816, Franz Boop seguiu com esse programa de estudos que ficou conhecido como método comparativo, observando o parentesco entre as línguas (FARACO, 2011). Em 1819, o aspecto histórico foi acrescentado ao método comparativo pelo escritor Jacob Grimm. Grimm observou que as relações entre as línguas eram resultado de mudanças constantes no tempo, dessa forma, “ao estudar o grupo germânico das línguas indo-europeias, tinha seus dados distribuídos numa sequência de catorze séculos e pôde assim estabelecer a sucessão histórica das formas que estava comparando” (FARACO, 2011, p. 33). Dessa maneira, o método comparativo ou histórico-comparativo ampliou-se e rendeu muito frutos.

Mais tarde, nos anos finais do século XIX, a partir de 1878, um novo movimento surgiu e ficou conhecido como neogramático. Nesse período, surgiram novos linguistas como Hermam Osthoff, Karl Brugman, Herman Paul e o que, posteriormente, seria conhecido como o pai da Linguística

moderna, Ferdinand Saussure, entre outros. Esse novo grupo de pesquisadores tinham como proposta principal questionar os “[...] pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa (principalmente seu descritivismo) e o estabelecimento de uma orientação metodológica diferente e de um conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança linguística” (FARACO, 2011, p. 35). Segundo Bagno (2021), os muitos conceitos e as discussões que foram realizadas nesse período serviram como base para os trabalhos posteriores de Saussure.

Posteriormente, em 1916, o Curso de Linguística Geral foi publicado. Há uma grande discussão em torno das discussões e conceitos apresentados nessa obra, principalmente por ter sido redigida e publicada pelos alunos de Saussure, três anos depois da sua morte⁵. As ideias de Saussure ficaram conhecidas como estruturalismo, pois estava interessado em estudar a estrutura abstrata da língua que está por trás do comportamental real da língua, tratando-se, respectivamente da (*langue*) língua e da (*parole*) fala. Embora Saussure (2021 [1916]) tenha proposto que a língua fosse tratada como um fato social, exterior ao falante que não poderia criá-la muito menos modificá-la, o autor priorizou, em seus estudos, a visão sincrônica da estrutura da língua, dando ênfase ao seu caráter homogêneo.

Diferentemente de Saussure, anos depois, Chomsky (2018 [1957]) propõe uma inovação sobre a natureza do objeto da Linguística. Chomsky postula que o sistema linguístico é oriundo da mente humana, e o objeto de estudo é a descrição do conhecimento adquirido pelo falante. Dessa forma, “o sistema linguístico se enquadrava na moldura do conhecimento intuitivo do falante-ouvinte, um objeto de natureza psicológica ou cognitiva” (CAMACHO, 2013, p. 34). Mais tarde, em

⁵ Marcos Bagno (2021, p. 327-328) afirma que “a ausência no CLG de referências ao trabalho dos linguistas que o precederam e que atuavam em seu tempo tem sido apontada por algumas pessoas como um problema [...]”.

contrapartida a um pensamento homogêneo de língua, a Sociolinguística surge com o interesse em uma análise que dê conta de apreender o vernáculo do falante em situações reais de usos da língua, a fim de verificar quais aspectos sociais poderiam se correlacionar à variação linguística encontrada na fala de um indivíduo. Labov (2008 [1972]: 21) que não há como entender “o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”; deve-se considerar que “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

A PRIMEIRA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA E OS PADRÕES GERAIS DE USO

A primeira onda da sociolinguística, conforme Eckert (2005; 2012), foi iniciada pelo estudo de Labov (2006 [1966] sobre o inglês falado em Nova Iorque. Este estudo e os outros posteriores estabeleceram uma base sólida de análise sociolinguística. A metodologia básica de uma análise variacionista se inicia com a “coleta de dados” (construção de uma amostra de fala), segue com “redução e apresentação de dados” (análise qualitativa, transcrição das variáveis investigadas) e culmina na “interpretação e explicação de dados” e resultados gerados pelo processamento estatístico (GUY; ZILLES, 2007, p. 20). Nos estudos de primeira onda, o método básico de análise é a correlação entre uma variável linguística e variáveis linguísticas e categorias sociais para explicar o fenômeno da variação linguística.

A Sociolinguística Variacionista considera que toda língua natural é inerentemente heterogênea, devido à presença da variação linguística (formas variantes concorrentes), e estabelece

que não há somente uma forma linguística para referir-se à um mesmo significado ou expressão, em um determinado contexto, estabelecendo, assim, o que Labov (2008 [1972]) denomina de variantes linguísticas. Ao conjunto de variantes linguísticas, dá-se o nome de variável dependente, cujo emprego “não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2015, p. 11). Ou seja, a existência das variantes linguísticas está intimamente ligada a fatores ou variáveis independentes, que podem influenciar, em alguma medida, os usos linguísticos.

No português brasileiro, lugar em que a sociolinguística encontrou um campo fértil para a realização de pesquisas, há um vasto número de estudos que se ocupou em pôr em prática essa premissa, considerando análises de correlação entre uma variável dependente e um grupo de variáveis independentes, contribuindo para a consolidação dos estudos sociolinguísticos, no Brasil. Destacam-se aqui, alguns estudos de produção linguística mais representativos⁶ (cf. BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]; SCHERRE, 1988; CARVALHO, 1997; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009; ALVES, 2010; 2015; OUSHIRO, 2015; FIAMENGUI, 2011; BRANDÃO; VIEIRA, 2012; RIBEIRO, 2013; SANTOS, 2015; 2020; TEIXEIRA, 2017; LOPES, 2019).

Essa gama de estudos é apenas uma amostra pequeníssima da quantidade de estudos que já foram realizados com base no português brasileiro. Dentre os fenômenos mais analisados, destacam-se a concordância nominal de número, a concordância verbal de número, os pronomes de segunda pessoa, o imperativo gramatical, a dupla negação sentencial, a alternância subjuntivo/indicativo, a realização de /s/ em coda silábica e a realização de /r/ em coda silábica, rotacismo, entre

⁶ Para conhecer outros estudos de produção linguística, ver Scherre (2005), Lucchesi (2006), Scherre (2012).

outros fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos, sintáticos e discursivos. De um modo geral, essas pesquisas, que visam a identificação de padrões gerais de uso, característica principal da primeira onda, apresentam resultados quantitativos que evidenciam a correlação entre fatores de cunho social e linguístico e uma variável linguística, um fenômeno linguístico em uma determinada “comunidade de fala” (conceito essencial nos estudos variacionistas).

Um exemplo de estudo de primeira onda é a tese de doutorado de Scherre (1988). Ela investigou elementos passíveis de flexão dos SNs (simples e complexos), a fim de descrever e explicar a correlação de variáveis linguísticas e sociais, quanto à realização da marcação de plural, e evidenciar a existência de um sistema que gerencia essa variação. Além disso, a autora também pretendeu verificar se havia variação estável ou se tratava-se de um processo de mudança em curso, e observar se o fenômeno em tela revelava um caso de variação inerente, ou seja, se a variação grupal reflete a variação individual. Para tanto, ela analisou uma amostra composta por 64 informantes da cidade do Rio de Janeiro, estratificada de acordo com a faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos, 50-71 anos) dos falantes, sua escolarização (primário, ginásial e colegial) equivalentes ao ensino fundamental e ensino médio.

As variáveis linguísticas consideradas relevantes para a análise atomística (análise de cada elemento de forma isolada) foram marcas precedentes e posição, saliência fônica (dimensões processos e tonicidade), relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN, formalidade dos substantivos e adjetivos, grau dos substantivos e adjetivos, animacidade dos substantivos, contexto fonético/fonológico seguinte e função resumitiva. Para a análise não atomística (análise de todo o SN) foram considerados a

pluralidade do contexto, configuração sintagmática do SN, saliência fônica (dimensão e processos), grau/formalidade do SN, pluralidade do SN, função textual e localização do SN. As variáveis sociais consideradas foram escolaridade, idade e sexo. A autora postulou nesse estudo um princípio geral chamado “paralelismo formal”, considerando que, no SN, marca de plural leva à marca de plural e marca zero leva à marca zero.

Controlando esses fatores, Scherre (1988) observou que o fenômeno linguístico concordância nominal de número é variável, inerente e está internalizado nas mentes dos falantes, apresentando duas tendências claras em dois subagrupamentos distintos dos falantes: 1) variação estável com gradação etária nos falantes de ambiente não humilde e concordância alta; 2) processo de mudança linguística em direção a um sistema sem marcas nos falantes de ambiente humilde e concordância baixa. Esse e outros estudos dessa natureza são os responsáveis por evidenciarem os mais diversos fenômenos variáveis do português brasileiro.

A SEGUNDA ONDA DA SOCIOLINGÜÍSTICA E OS MÉTODOS ETNOGRÁFICOS

À primeira vista, o trabalho sociolinguístico, de um modo geral, sempre é associado principalmente aos empreendimentos que buscam os padrões gerais de uso. No entanto, relacionar a variação linguística a processos de estratificação social, por meio das macrocategorias, não é a única maneira de investigar a língua em seu contexto social. Os estudos de segunda onda, por sua vez, estão interessados em verificar a relação da variação com categorias sociais em contextos mais específicos, comunidades menores. As categorias sociais podem ser as

⁷ Refere-se ao ambiente em que se espera pouca concordância, são falantes que não passaram pelo processo de descreioulização (SCHERRE, 1988).

mesmas que norteiam os estudos de primeira onda (como sexo, escolaridade e faixa etária, entre outras), no entanto, o diferencial do estudo de segunda onda está no fato de haver a possibilidade de desvendar, nas práticas sociais mais localmente definidas, o lugar dessas macrocategorias (CAMACHO, 2013; MENDES, 2017).

Esse interesse por locais e grupos menores não é por acaso, pelo contrário, pesquisadores afiliados a uma corrente etnográfica⁸ de análise começaram a se questionar se essas comunidades de falantes urbanas menores do que uma cidade “não funcionariam com base em categorias sociais mais localmente definidas [...]. Talvez as mudanças nos padrões de usos linguísticos poderiam iniciar-se em correlação a mudanças na valoração social interna a grupos menores” (MENDES, 2017, p. 104). Em outras palavras, depreende-se que tanto a variação quanto o processo de mudança linguística poderiam ter, por assim dizer, origem em práticas sociais mais localmente definidas. O trabalho de Eckert (2000 *apud* MENDES, 2017) segue essa linha de raciocínio e apresenta uma análise de dois grupos em uma escola de Detroit, denominados como jocks e burnouts. De um modo geral, essa pesquisa evidencia que

certas formas linguísticas geralmente desprestigiadas (tais como a dupla negação, entre outras), por serem ‘vernaculares’ (no sentido de ‘proscritas pela escola’ e que, portanto, tenderiam a não ocorrer nos momentos em que o estilo é mais cuidadoso, numa entrevista sociolinguística), são formas que têm valor positivo entre os burnouts. Assim, tais formas linguísticas não funcionariam direta e simplesmente como índices de macrocategorias (tais como classe), mas sim de características sociais definidas na interação desses grupos localmente constituídos. (MENDES, 2017, p. 105)

⁸ Como um exemplo de que as ondas não se sobrepõem, Eckert (2005) afirma que a primeira trilha etnográfica, quantitativamente orientada da variação, foi aberta por Labov no estudo realizado na ilha de Martha’s Vineyard (CAMACHO, 2013, p. 254).

Ainda sobre o estudo realizado por Eckert (2000), vale lembrar que a oposição que há entre os jocks e os burnouts é promovida “por uma grande variedade de indicadores simbólicos, como roupa, postura e movimento corporal, maquiagem, cabelo, território, uso de substâncias químicas, atividade de lazer, participação na escola, orientação urbana” (CAMACHO, 2013, p. 254). Em relação a redes sociais⁹, outro conceito explorado nesse estudo e em outros estudos de segunda onda, nota-se uma diferença nas relações sociais dos jocks e dos burnouts. Enquanto o primeiro grupo (mais hierárquico) tende a expandir as suas redes sociais na escola, o segundo grupo tende a expandir as suas redes sociais na vizinhança (CAMACHO, 2013).

No contexto brasileiro, Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) analisou a fala de migrantes rurais que haviam se mudado para a região de Brazlândia em Brasília. Ela analisou quatro variáveis linguísticas: a vocalização do fonema alveopalatal lateral em posição intervocálica (como em *filha* e *trabalho*); a redução dos ditongos crescentes em finais de palavras (como em *polícia* e *gêmeo*); e a regra de concordância verbal na 1ª e na 3ª pessoa do plural (como em *nós fazemos* e *eles fazem*). A autora entrevistou 118 pessoas, mas utilizou, em sua análise, apenas 33 informantes, de modo que os outros informantes foram considerados apenas como uma base comparativa da pesquisa.

A autora utilizou a metodologia das redes sociais, com o apoio das análises variacionista e etnográfica, com o intuito de verificar uma possível “tendência evolutiva do dialeto dos migrantes” (BORTONI-RICARDO (2011 [1985]), p. 16),

⁹ Sobre o conceito de redes sociais, “L. Milroy e J. Milroy (1989) e L. Milroy (1980) descobriram que pessoas que pertencem a redes sociais ao mesmo tempo densas e múltiplas tendem a manter os traços mais característicos da variedade local, resistindo a inovações externas. Inversamente, pessoas com grande mobilidade social e que constituem laços sociais frouxos e com pouca multiplicidade são muito mais abertos à mudança linguística, exercendo, por isso, papel relevante na difusão da inovação entre as redes mais densas” (CAMACHO, 2013, p. 238).

observando dois índices de rede, o de integração e o de urbanização, a fim de entender o processo de adaptação do meio rural ao urbano. Ao concluir, a autora aponta como uma das principais contribuições desse estudo o fato de que há “uma relação consistente entre estrutura de redes sociais e comportamento linguístico em uma situação muito fluida de contato dialetal submetida a rápidas mudanças” (BORTONI-RICARDO (2011 [1985]), p. 270).

A seguir, apresenta-se uma revisão um pouco mais extensa de alguns estudos de terceira onda, com intuito de alcançar os objetivos estipulados neste estudo: evidenciar como se dá a constituição de significados sociais associados a determinadas variantes, bem como traçar um breve percurso dos estudos sociolinguísticos. Segue-se a essa seção, algumas considerações e as referências.

A TERCEIRA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA E O SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO

A terceira onda dos estudos sociolinguísticos, diferentemente da primeira e da segunda ondas, não entende a variação linguística como sendo um reflexo de macrocategorias sociais, mas concebe “o conceito de variável linguística com uma nova roupagem, como espaço privilegiado da construção do significado social da linguagem” (CAMACHO, 2013, p. 253). Mendes (2017, p. 103) explica que a terceira onda representa um retorno ao significado da variação linguística, pois “embora o interesse por fatos dessa natureza não seja algo novo [...], pode-se dizer que rapidamente, na história da disciplina, o significado social da variação cedeu centralidade para o interesse pela mudança linguística”.

Essa terceira vertente denominada também por Eckert (2012, p. 93) de “perspectiva estilística” coloca em discussão

alguns conceitos como estilo e campo indicial. Em estudos de primeira onda, a variação do “estilo de fala” dos falantes (graus de monitoramento), apreendida por meio da entrevista sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]), foi e é bastante analisada, pois revela os processos de automonitoramento realizados pelos falantes. A terceira onda, no entanto, a partir dos estudos de Eckert (2005, 2008, 2012), entende o estilo como a maneira que os falantes utilizam formas linguísticas, considerando as práticas sociais, para criar maneiras diferentes de fala, que “constituem a chave para a produção de identidade pessoal, e a identidade, por seu lado, consiste em tipos sociais explicitamente localizados na ordem social” (CAMACHO, 2013, p. 256).

Sobre essa dinâmica da utilização certas formas linguísticas em práticas sociais evidenciada pelo construto estilo, Mendes (2017, p. 117-118) explica que os conjuntos de elementos linguísticos correspondem

a ‘tipos sociais’ e, nas nossas performances sociolinguísticas particulares, podemos “realizar mais” que tais tipos, atualizando o estilo, com a adição de novos elementos e potencialmente novas significações, ou podemos ‘realizar menos’, empregando não todos os elementos que simbolicamente correspondem ao tipo social, mas apenas alguns ou até mesmo apenas um de tais elementos. Dessa forma, na intersecção entre uma performance de um falante específico, numa situação interacional específica, e o estilo sobre o qual ele mapeia tal performance, constrói-se uma persona.

Por conseguinte, os significados sociais de certas variantes linguísticas que emergem dessas práticas estilísticas, segundo Eckert (2008; 2012), formariam um campo indicial¹⁰ da variação linguística. Nessa perspectiva, determinadas variantes não estariam estritamente ligadas às categorias sociais mais amplas, como sexo, escolaridade, faixa etária, mas a categorias mais

¹⁰ Tradução do termo *indexical field* (Eckert, 2008; 2012).

específicas que poderiam ser apreendidas de certas variantes, conforme será explicitado mais adiante nos estudos de percepção sobre o português brasileiro¹¹.

Para Eckert (2012), o estudo de Labov (2008 [1972]), publicado originalmente em 1963, sobre a realização variável dos ditongos (aw) e (aj) em palavras como house ‘casa’ e life ‘vida’, pode ser considerado típico da terceira onda da sociolinguística. Neste estudo, Labov mostra como 69 falantes do inglês, residentes na ilha de Martha’s Vineyard, estado de Massachusetts, empregam determinadas variantes linguísticas com objetivos ou intenções de cunho social. Ele observou que alguns falantes empregam a forma centralizada dos ditongos com a intenção de se diferenciar daqueles que se mudam para lá no verão, eles conservaram as variantes centralizadas [əw][əj]. Dessa forma, “fica evidente que o significado social imediato desse traço fonético é ‘vineyardense’ (LABOV, 2008 [1972], p. 57).

Para ampliar ainda mais a abrangência do aspecto social da variação linguística, os estudos de avaliação, atitudes e percepção entram em cena no quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista. Entende-se que, a diferenciação conceitual entre os estudos de avaliação e percepção proposta por Oushiro (2015), é crucial para entender as contribuições de ambas as perspectivas. Para ela, a perspectiva da avaliação refere-se “ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, o que constitui um objeto de estudo por si só”, por sua vez, os estudos de percepção estariam interessados nas “inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes” (OUSHIRO, 2015, p. 32). Esta seção dedica-se à apresentação de alguns estudos de

¹¹ Santos (2020, p. 67) enfatiza que “essas categorias específicas, por sua vez, se correlacionariam às categorias sociais, nos estudos de terceira onda, mas não diretamente: uma mesma variante linguística associa-se a um conjunto de significados sociais, que vão se tornando mais específicos a depender do contexto social e do estilo em que cada falante estivesse inserido”.

percepção por se entender que esses buscam acessar os significados sociais de variáveis linguísticas, sem esquecer de enfatizar, no entanto, a contribuição dada pelos estudos de avaliação e atitudes que têm objetivos semelhantes aos dos estudos de percepção¹².

Embora os estudos de percepção sejam mais recentes em relação aos estudos, há uma muitos trabalhos (THOMAS, 2002; GILES & BILLINGS, 2004; CAMPBELL-KIBLER, 2006, 2010b; GARRET apud OUSHIRO, 2015). No contexto brasileiro, os estudos mais recorrentes são aqueles que se dedicam a analisar as avaliações e atitudes linguísticas dos falantes (ALVES, 1979; LEITE, 2004; CARDOSO, 2015 [1989]; GARCIA, 2018), entre outros. Em linhas gerais, esses estudos objetivaram depreender avaliações e atitudes linguísticas, revelando julgamentos sociais, atitudes, a consciência do falante em relação a sua fala e à fala do outro. Essas pesquisas ajudam a entender os “correlatos subjetivos” e o “nível de consciência” que os falantes têm de determinadas variáveis, além da relação com o “processo contínuo de mudança” (WEINREICH, LABOV, HERZOG (2006 [1968], p. 124).

Destacam-se, aqui, os estudos de percepção¹³ de Oushiro (2015), Mendes (2018) e Santos (2020). Esses estudos utilizaram um experimento que suscita reações inconscientes dos ouvintes chamado de *matched-guise* ou estímulos pareados desenvolvido por Lambert et al. (1960, apud MENDES, 2017). Essa técnica, que surgiu dentro da Psicologia Social, consiste em gravar a fala de

¹² Sene (2019, p. 317) afirma que “os estudos de percepção e avaliação buscaram nos trabalhos de atitudes linguísticas, ou mais especificamente na técnica de *matched-guise*, caminhos para aperfeiçoarem seus objetivos e metodologias. O contato entre esses três domínios (percepção, avaliação e atitudes) resultou em pontos de intersecção, uma vez que os estudos de avaliação e percepção, dentro da empreitada sociolinguística, podem ser interpretados como desdobramento dos estudos de atitudes linguísticas inaugurados por Lambert et al. (1960)”.

¹³ Para mais saber mais sobre os primeiros estudos de percepção linguística, ver Oushiro (2015), Mendes (2017) e Santos (2020).

pessoas e manipular essas gravações. No estudo em questão, os autores gravaram a leitura de um mesmo trecho em inglês e francês e apresentaram as gravações a alunos da Universidade de Montreal.

O objetivo desse empreendimento era “acessar as atitudes de ouvintes da rádio acerca do inglês e francês, por meio do controle do conteúdo dos estímulos e da qualidade da voz dos falantes”, além disso pretendeu verificar se, “a depender da língua em que os ouvintes ouviam cada um dos textos lidos, os falantes recebiam avaliações mais positivas ou mais negativas” (SANTOS, 2020, p. 71). Giles e Billings (2004 apud OUSHIRO, 2015, p. 268) avaliam o método *matched-guise* “como uma ferramenta poderosa e elegante que, ao controlar uma série de variáveis com a criação de estímulos comparáveis, permite averiguar apropriadamente o papel da linguagem na formação de impressões e julgamentos sociais”.

O trabalho realizado por Oushiro (2015) sobre a fala paulistana traz uma análise abrangente que contempla tanto a análise de produção linguística quanto a análise de avaliação e percepção linguísticas. A amostra utilizada é composta de 118 entrevistas, com perfis estratificados de acordo com as faixas etárias de 20-34 anos, 35-59 anos e 60 anos ou mais, com escolarização de ensino médio e ensino superior e região de residência (bairros centrais ou mais periféricos, em São Paulo) e o sexo dos informantes. Nesse estudo, a autora analisou cinco variáveis sociolinguísticas, a saber: a realização de /e/, a realização de /r/ em coda silábica, a concordância nominal de número e a concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural, com o propósito de discutir identidades sociais e o possível impacto de significados das variantes nos processos de variação e mudança.

Em relação à análise da percepção sociolinguística sobre o (r-), especificamente, a autora objetivou examinar o efeito das variantes tepe e retroflexa nas percepções de ouvintes moradores de São Paulo e, a partir delas, propôs um modelo de como certos significados sociais se associam aos usos linguísticos desses moradores. Oushiro (2015, p. 265) enfatiza que “a variável foi escolhida por ser uma das mais salientes no português brasileiro e por ter apresentado forte estratificação social no português paulistano”. Nesse estudo, a autora utilizou o método de estímulos pareados, aquele proposto Lambert et al. (1960, apud MENDES, 2017), conforme explicitado de forma breve acima. O experimento foi organizado da seguinte maneira: “(i) preparação de estímulos pareados a partir de trechos de fala natural; (ii) realização de entrevistas ‘abertas’ de percepção; (iii) formulação de questionários cujas respostas possam ser quantificadas” (OUSHIRO, 2015, p. 274).

Os resultados alcançados pela autora revelam que o principal significado das variantes investigadas está diretamente relacionado ao espaço geográfico (capital vs. interior e centro vs. periferia), em outros termos, paulistano vs. não paulistano, ou paulistano prototípico vs. paulistano não prototípico, estendendo-se também para o status relativo e o caráter dos indivíduos. A depender do estímulo apresentado ao ouvinte, a autora notou que há uma diferenciação significativa nas percepções dos ouvintes para as escalas paulistanidade, sotaque e centralidade. Por fim, como mostraram as correlações mais significativas, “o retroflexo é julgado mais negativamente em traços que se referem ao status dos falantes (classe social, nível de escolaridade, formalidade, centralidade do bairro, articulação e sofisticação)”, por outro lado, o retroflexo é julgado “mais positivamente em características associadas a solidariedade e

dinamismo (simplicidade, sinceridade, trabalho e solidariedade)” (OUSHIRO, 2015, p. 320).

Mendes (2018), por sua vez, analisou os efeitos de duas variáveis linguísticas na percepção e na performance de masculinidades, a saber: a concordância nominal de número (CN) e a pronúncia de /e/ nasal (EN), com a finalidade de acessar quais significados sociais poderiam estar relacionados às variáveis linguísticas. Assim como Oushiro (2015), o autor também fez experimentos a partir da técnica *matched-guise* proposta Lambert et al. (1960, apud MENDES, 2017). O estudo de percepção se desenvolveu por meio de quatro experimentos e distribuem-se da seguinte forma: Primeiramente, os participantes são expostos a trechos que contêm exemplos com concordância padrão e não padrão. Em seguida, um conjunto que inclui duas vozes femininas e duas masculinas. No terceiro conjunto, os trechos contêm a variável (EN), com as mesmas vozes do segundo conjunto. Por fim, o quarto e último conjunto apresenta as variáveis (CN) e (EN) nos estímulos, incluindo-se dois falantes: um homem e uma mulher.

Em relação à concordância nominal de número, os resultados mostram que, diante de concordância padrão, os falantes foram percebidos significativamente como mais efeminados. No que diz respeito à faixa etária, à origem e à escolaridade dos participantes, os resultados evidenciam que não houve diferenças significativas entre as faixas etárias, muito menos entre as escolaridades dos participantes. Mendes (2018) também observou diferenças entre as respostas dos homens e das mulheres, eles tenderam a perceber os falantes como mais efeminados. No tocante à pronúncia de /e/ nasal em (EN), os resultados mostram que houve diferenças significativas entre os falantes para as escalas de masculinidade/feminilidade e entre os falantes e as respostas baseadas na variante [en] e [ejn], no

entanto, em relação ao sexo dos ouvintes e os falantes, não houve diferenças significativas.

Mais recentemente, Santos (2020), em sua tese de doutorado, investigou os efeitos da morfologia do subjuntivo e do indicativo na percepção de quão competentes, sérios, formais e antipáticos soam ludovicenses e paulistanos, com o objetivo central de acessar os significados sociais que se associam aos modos subjuntivo e indicativo. Assim como Oushiro (2015) e Mendes (2018), o autor também fez experimentos a partir da técnica *matched-guise* proposta Lambert et al. (1960, *apud* MENDES, 2017). Os estímulos (gravados por quatro falantes, dois ludovicenses e dois paulistanos) foram constituídos a partir de orações subordinadas substantivas no modo indicativo ou subjuntivo e adverbiais com *embora* ou *talvez*.

De um modo geral, os resultados mostram que os significados sociais associados às formas do subjuntivo e do indicativo estão diretamente relacionados às noções de competência, de formalidade, seriedade, antipatia e paulistanidade. Os falantes foram percebidos como mais competentes quando ouvidos nos seus disfarces com formas subjuntivas, tanto por ouvintes paulistanos quanto ludovicenses, por outro lado, os falantes ludovicenses foram percebidos como mais sérios e formais do que os paulistanos. No geral, os falantes também foram percebidos como mais antipáticos no disfarce do subjuntivo. Com este trabalho, Santos (2020) mostrou que não é regular a relação entre produção e percepção, ou seja, os padrões de uso dos falantes não coincidem com o modo que eles reagem a determinadas variantes. Além disso, também evidenciou que os níveis mais profundos do sistema linguístico se associam a significados sociais e são percebidos pelos ouvintes.

Os estudos de percepção auxiliam na tarefa de acessar os significados sociais associados a certas variantes linguísticas,

ainda que inconscientes. Mendes (2018, p. 37) afirma que esse é um ponto central nos estudos de percepção: “procurar evidenciar os significados sociais para os quais uma forma linguística pode apontar, ainda que os falantes/ouvintes não tenham consciência de tais significados”. Além disso, conforme Eckert (2016, 77-79 *apud* MENDES, 2018, p. 37) “insiste, aliás, que a agência do falante na construção de estilos (leia-se: na manipulação socialmente significativa de variantes linguísticas) não pressupõe consciência (ininterrupta e acerca de todas as variantes que emprega)”. Por fim, por meio dos estudos de percepção, o pesquisador pode elucidar como se dá a constituição de significados sociais de determinadas variantes linguísticas.

PALAVRAS FINAIS

O interesse pelo estudo da língua no contexto social ou em consonância com aspectos sociais não emergiu, inicialmente, com advento da Sociolinguística Variacionista, conforme evidenciou-se neste artigo, no entanto, intensificou-se e organizou-se de uma forma mais sistemática por meio dos pressupostos teórico-metodológicos dessa teoria. O panorama de pesquisas sociolinguísticas apresentado não reflete, obviamente, as muitas discussões existentes acerca da variação linguística. Não obstante, os estudos aqui resenhados permitem entender que a Sociolinguística Variacionista apresenta “modelos de análise” que possibilitam, além de explorar traços estritamente linguísticos, investigar o encaixamento dos fenômenos variáveis dentro do contexto social, lugar em que a variação linguística se apresenta de forma ordenada, não caótica. Dizendo isso de outro modo, o campo de estudos variacionistas, considerando a definição das três ondas de Eckert (2005, 2012), oferece uma gama de conceitos e métodos específicos que pode

ser explorada e empregada para se obter padrões gerais de uso e significados sociais relacionados a variantes linguísticas, com destaque para os estudos de terceira onda, que se desenvolveram de forma mais ampla recentemente.

Reitera-se, ainda, o fato de que as três ondas sociolinguísticas não se sobrepõem, mas imprimem três movimentos diferentes dentro do escopo da Sociolinguística Variacionista, “que embora preservem certa identidade própria, tem origem nas águas do mesmo mar” (CAMACHO, 2013, p. 253). Para encerrar, vale ressaltar que os três tipos de estudos: produção (padrões gerais de uso), avaliação (reações conscientes) e percepção linguística (reações inconscientes) são complementares e essenciais para investigar os processos de variação linguística e os significados sociais associados a variáveis linguísticas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. 143f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem previa*. 220 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1979.
- BAGNO, Marcos. ‘Excurso crítico para uma leitura incontornável’. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Tradução Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português*. Alfa, São Paulo, 56 (3): 1035-1064, 2012.
- CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas*. Tradução e comentários de Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. – (Coleção de Linguística) Título original: Syntactic structures, 1957.
- CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.
- CARVALHO, Raimunda Coelho de. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. 181 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- ECKERT, Penelope. *Variation, convention, and social meaning*. Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan 7, 2005.
- ECKERT, Penelope. ‘Variation and the indexical field’. *Journal of Sociolinguistics*. 12: 453–76, 2008.
- ECKERT, Penelope. ‘Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation’. In: *Annual Review of Anthropology* vol. 41, p. 87–100, 2012.
- FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. *A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.
- GARCIA, B. L. *Identidade social e atitude linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista*. 157 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: um instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].

- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LEITE, Cândida M. Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. Dissertação de Mestrado. 138f. Campinas: Unicamp, 2004.
- LOPES, João Vitor Cunha. *A realização da concordância nominal de número em Bacabal-MA*. 91 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Curso de Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2019.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (organizadores). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MARTINS, Helena. ‘Três caminhos da filosofia da linguagem’. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3, 5. ed., São Paulo: Cortez, 2001.
- MENDES, Ronald Beline. *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal*. Tese (Livre de Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MENDES, Ronald Beline. ‘A terceira onda da sociolinguística’. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Novos caminhos da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- MOLLICA, Maria Cecília. ‘Fundamentação teórica: conceituação e delimitação’. In Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (Organizadoras) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 372 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni. *O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG: a concordância nominal e verbal*. 197 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SANTOS, Wendel. *Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo*. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- SENE, Marcus. 'Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares'. In: *Todas as Letras*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 304-323, jan./abr. 2019.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 555f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. 'Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista'. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens*. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. DCH I. NÚMERO 04 – junho de 2012.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- TEIXEIRA, Virna Pereira. *Variação linguística e fluxos migratórios: a concordância nominal de número na fala dos moradores do bairro Campo de Belém do município de Caxias – MA*. 124f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.
- WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CAPÍTULO 2

SOBRE OS VERBOS *TER* E *HAVER*:

UM OLHAR VARIACIONISTA NO GÊNERO REDAÇÃO

Marcos Antônio da Silva

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerando a diversidade existente entre as pessoas em uma determinada comunidade, é natural, também, que o uso da língua reflita e apresente múltiplas faces no que diz respeito ao seu uso. É pensando, pois, na importância de observarmos os vários usos destinados à língua nos processos de interação que sentimos a necessidade de produzir estas breves discussões aqui apresentadas.

Assim, este artigo busca fazer uma análise quantitativa e descritiva e comparativa do uso dos verbos *ter* e *haver* no gênero¹ redação.

Nossa proposta, inicialmente, é demonstrar, através de exemplos extraídos das redações, o comportamento do uso, de fato, dos verbos *ter* e *haver* nesse gênero. Acreditamos que a descrição sociolinguística da variação dos verbos *ter* e *haver*, nas redações, não só explicará como também descreverá o comportamento desses dois verbos, uma vez que pouco se sabe a respeito do uso dessas variáveis no gênero em questão.

Em um primeiro momento, haverá uma discussão sobre a fundamentação teórica que dará base ao nosso texto. Posteriormente, será apresentado um breve panorama no que tange aos verbos *ter* e *haver*. Em seguida, apresentaremos as análises empreendidas e, finalmente, serão apresentadas a

¹ A noção de gêneros textuais é vista aqui a partir do que é proposto por Marcuschi (2009) e Bahktin (2000).

metodologia e as análises, seguidas, é claro, das considerações finais, necessárias para o encerramento do texto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PRIMÓRDIOS DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

A Sociolinguística, ramo da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade e que tem como objeto de estudo a língua falada em momentos de situações reais, surgiu por volta de 1960 como forma de reação aos estudos linguísticos vigentes na época, (leia-se estruturalismo e gerativismo), pelo fato dessas duas correntes desconsiderarem a variação existente na língua.

Nessa mesma década, por volta de 1968, surge a Sociolinguística de caráter variacionista, com estudos desenvolvidos por Weinreich, Labov e Herzog. Essa área da Linguística explica, ou tenta explicar, que, apesar de existirem várias formas de dizer a mesma coisa, e esse fato, aparentemente ou comumente, levar as pessoas a acreditarem em um “caos linguístico”, ainda assim, no meio desse aparente “caos”, existe uma sistematização.

Um dos principais responsáveis pelo modelo sociolinguístico variacionista é o americano William Labov. No entanto, vale destacar que Labov não foi o primeiro estudioso a se deter nessa questão linguística, outros já o haviam feito, “[...] mas Labov foi quem mais veemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 1985, p. 7).

Os estudos labovianos vão desde o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts (1963), à estratificação social do inglês falado na cidade de New York (1966) e aos estudos sociolinguísticos da Filadélfia.

Na pesquisa relativa à estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque, Labov (1966), através do método da entrevista, comparou a pronúncia do fonema /r/ em três lojas de departamentos de contextos sociais diferentes: Saks (status superior), Macy`s (status médio) e S. Klein (status inferior). Ao analisar os dados obtidos, esse estudioso chegou a concluir que em ambientes mais elitizados há uma tendência maior em pronunciar o fonema /r/, enquanto em locais de menor status social predomina o apagamento desse fonema.

Dessa forma, Labov conseguiu relacionar língua e sociedade e no tocante ao resultado identificado por meio de suas análises, o autor explica que:

Uma vez que o produto da diferenciação e da avaliação social - por menor que seja - revela a estratificação social dos empregados das três lojas, a hipótese prevê o seguinte resultado: vendedores da loja de status mais alto vão apresentar os valores mais altos de (r); os da loja de status médio vão apresentar valores intermediários de (r); e os da loja de status mais baixo vão apresentar os valores mais baixos. Se tal resultado se verificar, a hipótese terá sido confirmada em proporção ao rigor do teste. (LABOV, 2008, p. 66)

É observável que existe, por parte dos falantes, o mito de que a língua falada é desestruturada e informal, ao passo que a língua escrita é de estrutura mais complexa e formal. Consequentemente, nesse artigo, nos esforçaremos para contribuir para a desmistificação da crença na superioridade da língua escrita em detrimento da língua falada, pois percebemos que esta pode ser estudada e sistematizada assim como aquela.

BREVE PANORAMA DOS VERBOS TER E HAVER

Fazendo um percurso sobre a história semântica dos verbos *ter* e *haver*, podemos observar que, desde o Latim Clássico, esses dois verbos caminham paralelamente, mas devido ao

esvaziamento semântico do verbo *haver*, notamos que esse verbo foi sendo substituído pelo verbo *ter*.

Quando buscamos a origem etimológica dos verbos *ter* e *haver*, observamos a várias acepções desses dois verbos. O verbo *ter*, por exemplo, é proveniente da forma Latina *tenere* e possui acepções como “obter”, “manter”, “segurar”, “conter”, “deter” e “reter”, ao passo que o verbo *haver* se origina da forma Latina *habere* e possui acepções como “possuir”, “obter”, “manter”, “reter”, “segurar”, “conter” e “deter”.

Como podemos perceber, esses dois verbos possuíam basicamente os mesmos significados, portanto, justifica-se o fato deles serem bastante semelhantes, e até mesmo intercambiáveis, no que diz respeito ao seu emprego.

A partir dessa percepção, é importante salientar que:

Desde o início, percebemos a impossibilidade de se estudar o verbo *ter* separado de *haver*, pois desde o latim clássico eram afins em seus empregos no português, eles sempre tiveram empregos paralelos e à medida que o verbo *haver* se foi desgastando e esvaziando semanticamente, foi sendo substituído por *ter*. (SAMPAIO, 1978, p. 2)

No século XIX, por exemplo, observamos o uso cada vez menor do verbo *haver* em estruturas possessivas e o verbo *ter* continua predominando sobre o verbo *haver* na formação dos tempos compostos. No século XX, o verbo *haver* quase não aparece em estruturas de tempo composto e nesse período é notório o esvaziamento semântico do verbo *haver*. O verbo *ter* passa, então, a predominar na formação dos tempos compostos e na língua falada é bastante frequente em contextos existenciais.

Sabemos, pois, que existem diferenças linguísticas entre as normas estabelecidas pela gramática normativa e os reais usos da língua. Logo, precisamos observar o que alguns gramáticos dizem a respeito do uso desses dois verbos. E o que, de fato, trata a gramática normativa? Ela é vista como um conjunto de normas

para falar e escrever bem, portanto, nessa visão de gramática, observamos que a língua é descrita como uma variedade culta e que todas as outras formas de uso da língua são consideradas desvios, deformações e degenerações da língua. Logo, essa concepção de gramática faz com que a sociedade e até mesmo as instituições de ensino acreditem/adotem no/o mito da unidade linguística.

Ainda, de acordo com a gramática normativa, percebemos que existem alguns gramáticos que falam sobre o comportamento do verbo *haver* em orações equivalentes às constituídas com o verbo *existir*, como um verbo impessoal e, por isso, deve sempre ser usado na terceira pessoa do singular.

Nesse caso, é comum, por exemplo, a formação de enunciados como “Tem gente que gosta de apanhar”, (SACCONI, 2001, p. 335). Ainda conforme esse autor, é comum, na língua popular do Brasil, ver o uso do verbo *ter* como impessoal. Além do supracitado autor, há ainda aqueles que defendem que a ocorrência do uso do verbo *ter* por *haver* é bem maior na conversação do dia a dia, mas que esse emprego constitui uma incorreção na língua culta, devendo, portanto, ser evitado (BECHARA, 1983).

APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

O corpus do nosso texto é formado por um universo de 500 textos, mas, considerando a questão de espaço e buscando evitar uma possível repetição, optamos por fazer um recorte. Assim, foi reservado um total de 50, de forma aleatória. Após a definição da quantidade, partimos para a leitura e análise das ocorrências.

Os textos foram coletados na COPERVE (Comissão Permanente de Vestibular), no período de fevereiro de 2009,

momento após a realização do PSS-2009 (Processo Seletivo Seriado).

A nossa maior dificuldade neste trabalho diz respeito a informações sobre as variáveis sexo, idade, classe social, em relação às redações, uma vez que esses textos não trazem quaisquer dessas identificações.

Dessa forma, acreditamos que este texto não pode ser incluído dentre os trabalhos de caráter genuinamente “sociolinguístico variacional”, no sentido mais estrito do termo, devido a todas as limitações já expostas. Sabemos, entretanto, que a discussão aqui iniciada pode ser considerada um primeiro passo para futuras investigações ou aprofundamento das ideias por nós apresentadas. Ainda assim, diante das restrições, tentamos, ao longo das análises e discussões, chegar a resultados parciais no decorrer da investigação do *corpus* analisado

ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para ocorrências com o verbo TER, recortamos os seguintes exemplos:

Exemplo 01: TER= POSSUIR

O fato desse número tão alarmante é fruto da miséria da maioria da população brasileiros, milhares de família não *tem* um teto nem um lar para oferecer aos filhos [...] E a situação de crianças que *tem* mais de um ano? [R_3²]

No exemplo 01, as duas ocorrências do verbo *ter* (*tem*) carregam em si o sentido de possuir algo, alguma coisa. Acreditamos que talvez seja um traço da oralidade, muito presente no cotidiano das pessoas que, de certa forma, acaba sendo transposto para a modalidade escrita.

² Registramos aqui que a marca R significa Redação, seguida do número relativo ao texto.

Ao longo das análises, foi identificado um uso considerável do verbo em questão revestido da noção de *possuir*.

Exemplo 02: 1º TER = POSSUIR, 2º TER = VERBO AUXILIAR, 3º TER = ESTABELECEER

Menor abandonado *tem* trauma de *ter* sido violentado em sua casa, com pessoas de sua família, por isso fogem querendo *ter* contato com outras pessoas com medo que aconteça o mesmo [...]. [R_18]

Conforme podemos observar no exemplo 02, estão presentes nesse trecho três ocorrências do verbo *ter*.

Assim como no primeiro exemplo, a primeira ocorrência traz a ideia de possuir; a segunda ocorrência aparece com a função de um verbo auxiliar junto ao verbo principal, nesse caso o verbo *ser*, na forma de particípio; e na terceira ocorrência, o produtor do texto usou o verbo *ter* com o sentido de *estabelecer* “[...] querendo *estabelecer* contato com outras pessoas [...]”.

Exemplo 03: TER = HAVER/EXISTIR

[...] *têm* pessoas que preferem adotar crianças novas, bebês e esquecem dos mais velhos. [R_31]

No exemplo de número 03, o verbo *ter* foi utilizado com o mesmo sentido de *haver* ou *existir*. Como já dito anteriormente, no nosso embasamento teórico, ao longo do tempo vêm sendo comumente encontrados usos dessa forma, uma vez que o verbo *haver* vem sendo substituído pelo verbo *ter*. Notamos, inclusive, no cotidiano, que as pessoas falam/escrevem, naturalmente, dessa forma: “Tem/teve uma acidente na rua” ou “Teve um assassinato ontem à noite”.

Exemplo 04: TER = PRECISAR

Portanto, para resolver esses problemas familiares, amigos e governantes *têm* de investir mais na educação “escola”, saúde, renda familiar, como direito à dignidade e ao respeito. [R_1]

No exemplo 04, temos um uso interessante para o verbo *ter*. O produtor do texto conferiu ao referido verbo valor idêntico ao verbo *precisar*. Nesse exemplo, podemos tranquilamente substituir o verbo *ter* e teremos “[...] amigos e governantes precisam investir mais na educação [...]” sem qualquer prejuízo ao sentido do texto.

Para as ocorrências com o verbo HAVER, registramos aqui os seguintes recortes:

Exemplo 05: HAVER = EXISTIR

Em consideração que no Brasil *há* muitos pais irresponsáveis, eu acho que nem deveriam ser chamados assim [...]. [R_10]

Nesse exemplo 05, o produtor do texto usou de forma adequada o verbo *haver*, conferindo-lhe o valor de *existir*. Como em nossas análises identificamos o verbo *haver* apenas com sentido de *existir*, trouxemos apenas um exemplo, com o intuito de evitar repetições e deixar a leitura do texto cansativa.

Com base nas análises iniciais das ocorrências dos verbos *ter* e *haver*, no total das 50 redações, o resultado final, em uma tabela, ficou da seguinte forma:

Tabela 01 (ocorrências dos verbos TER/HAVER)

Total de ocorrências dos verbos TER	44
TER com valor de POSSUIR	34

TER com valor de PRECISAR	03
TER com valor de EXISTIR	03
TER com outros valores	04
Total de ocorrências dos verbos HAVER	09
HAVER com valor de EXISTIR	09

Dessa forma, podemos afirmar que houve nas redações, conforme podemos observar através da tabela, um considerável uso do verbo *ter* em relação ao verbo *haver*, bem como a predominância do verbo *ter* com o sentido de *possuir* algo/alguma coisa.

Para o verbo *ter* com outros valores, incluímos casos como “Tem que saber”, substituindo, neste caso, o verbo “precisa”, e ainda os usos do verbo *ter* com a função de verbo auxiliar.

No tocante às ocorrências do verbo *haver*, conforme já mencionamos anteriormente, o uso desse verbo foi pensado basicamente com o sentido de *existir*.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Diante das análises realizadas nessa pesquisa, podemos observar que o desuso do verbo *haver* é gritantemente visível e que, enquanto este verbo perde espaço nas produções textuais escritas ou orais, o verbo *ter* assume uma posição de pleno poder, basta compararmos suas ocorrências na tabela 01.

Comprovamos nesta pesquisa inicial que no gênero redação predomina o uso de *ter* com valor de *possuir*. Em relação ao verbo *haver*, ainda que em menor uso, sua predominância está presente no gênero redação, talvez, por se tratar de uma redação de vestibular, haja o desejo de usar este verbo com o intuito de mostrar um uso mais “padrão, culto” da língua.

Nossa hipótese inicial era a de que pelo fato de o contexto da produção da redação estar relacionado com um exame, um processo de seleção para possível aprovação e conseqüente acesso à universidade, e por ser um gênero com um caráter mais formal, haveria um uso maior da estrutura *haver* por parte do usuário da língua, o que não aconteceu.

Isso nos leva a crer que talvez o usuário esteja optando por evitar esse uso (ou por não saber usá-lo ou por escolha mesmo), apontando para talvez um apagamento desse verbo. Inclusive, no sentido de *existir*, não encontramos o verbo *ter* com essa acepção. Sugerimos, portanto, a continuação desta pesquisa, para que essa hipótese possa ser melhor investigada.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Armando de. *Redação escolar: aspectos cognitivos de um gênero textual peculiar*. In: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no1_30.pdf. Consulta online em 16/02/10.
- BAHKIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1983.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, [1966] 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SACCONI, Luiz. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- SAMPAIO, Maria, L. P. *Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER: duas formas em concorrência*. Editora Copy Market, 1978.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985, 96p.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. *TER/HAVER existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL*. Faculdade de Letras da UFAL, Maceió, 2008. 120p (Dissertação de Mestrado).

CAPÍTULO 3

OS MEMES PIAUIENSES DA PÁGINA “*SURICATE SEBOSO*” SOB UMA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Fátima Ingrid Bezerra Bonfim

Vilcarlos Pereira de Carvalho

INTRODUÇÃO

O nascimento da linguística moderna teve início com os postulados de Ferdinand de Saussure, o qual concebia a língua como um modelo abstrato, um fato social. Seus ensinamentos foram publicados em sua obra póstuma intitulada *Curso de Linguística Geral*, que foi dirigida por seus alunos, constituindo o ponto de partida dos estudos estruturalistas na investigação da linguagem. No entanto, o foco das pesquisas de Saussure era “a língua considerada em si mesma e por si mesma”, ou seja, seu estudo sobre a língua levava em consideração a estrutura interna dela, propondo a homogeneidade linguística como um princípio básico para a descrição, desconsiderando, assim, a concretização da língua e seu uso. Com isso, paradoxalmente ao que era proposto pelo suíço, pois, embora reconhecesse a língua enquanto instituição social, sua pesquisa era focada na análise da forma da língua sobre sua função, eliminando de suas preocupações o que não fosse o sistema autossuficiente, o qual possuía posição central em seus estudos.

Faz-se necessário, portanto, frisar que a língua não existe sem os sujeitos que a proferem, que a concretizam. Dessa forma, ela é a identidade de determinado povo, evoluindo de acordo com a evolução sócio-histórica das diversas culturas que a utilizam. Língua e sociedade estão ligadas de forma intrínseca. Conforme Tarallo (2003, p. 19), a “língua falada está totalmente inserida e interligada a sociedade. Não há sociedade sem língua

e nem língua sem uma sociedade para que esta se manifeste.” Com base nisso, estudos em diversas áreas que não atribuíam a língua como eixo central de suas análises, divergindo do viés formalista, começaram a fluir.

Nessa perspectiva, propomo-nos a discorrer acerca da Sociolinguística Variacionista que, segundo Calvet (2002), aborda as funções sociais da língua sobre sua forma, em outras palavras, a língua existe a partir da vontade de determinada comunidade em designar e/ou compreender a realidade. Em seguida, fazemos uma breve discussão acerca da relação entre memes e ciberespaço, em que elucidamos a origem do termo “meme” e sua circulação nas redes sociais contidas em meios digitais. Ademais, delimitamos e explicamos a metodologia que norteou esse estudo. Logo após, realizamos a análise dos dados do corpus desta pesquisa e apresentamos os resultados da quantificação e análise. Por fim, fazemos as considerações finais, apontando sua relevância em estudos que integram o uso da língua em seu escopo teórico-metodológico.

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A língua é a manifestação de vida no meio social, ou seja, a sociedade não é possível a não ser pela língua, e através dela o indivíduo também se forma. Para Preti (2000, p. 14), “o alargamento das relações sociedade/língua, consideradas profundamente interdependentes, conduz o estudo das estruturas do pensamento de certas comunidades e à forma como estas articulam linguisticamente sua realidade, em consonância com sua cultura e sistema de vida.”

Confere à língua também o reflexo das diversas visões de mundo, peculiar a cada povo, o que constitui os dialetos sociais, que seria o modo de realizar as práticas linguísticas de uma dada comunidade, gerando a comunicação efetiva entre seus falantes.

Esses dialetos representam a variação linguística e social de determinada cultura.

Na realidade, não constitui nada de novo dizer que a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. Com efeito, a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte. (MONTEIRO, 2000, p. 13)

Segundo Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice por excelência da identidade. As escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza e está associado a múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação. Para Cezario e Votre (2017, p. 141),

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Considerando tais aspectos, tem-se como referência a Sociolinguística, que é a ciência que estuda a língua na perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade em que se origina. Desenvolvida em grande parte por Labov (1969, 1972, 1983), a Sociolinguística permitiu o estudo científico de fatos linguísticos excluídos até então do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e conseqüente dificuldade de apreensão.

Nesse sentido, para a sociolinguística, de forma divergente aos postulados contidos na norma culta da língua, o

que interessa para a efetuação da comunicação é o entendimento, e não se determinada forma está correta, falseando tudo o que transcende ao padrão, sem levar em consideração a efetivação do uso linguístico. Essa diversidade, portanto, é conduzida, além da influência cultural, por fatores extralinguísticos, que podem ser através de variantes geográficas, sociológicas (idade, sexo, classe social, profissão) e contextuais (tudo que pode determinar diferenças na linguagem do locutor através de influências alheias a ele, como a situação comunicativa).

[...] a mudança linguística sempre foi encarada como um problema, como uma coisa negativa, como um sinal de ruína, decadência e corrupção da língua (e da moral de seus falantes). No entanto, ela é inevitável: tudo no universo, na natureza e na sociedade passa incessantemente por processos de mudança, de obsolescência, de reinvenção, de evolução... Por que só a língua teria de ficar parada no tempo e no espaço? Todas as demais instituições humanas sofrem mudança, por que a língua não sofreria? (BAGNO, 2007, p. 165-166)

Logo, como se vê, o conhecimento sistemático da variação e o uso regular das estruturas adotadas pelos falantes de uma dada comunidade, servirão para estabelecer um perfil linguístico, em nível fonético-fonológico e gramatical, diferenciando, assim, os usos que se faz da língua, e por constituir-se num benefício não só de cunho linguístico, mas, sobretudo, social.

OS DICIONÁRIOS, VOCABULÁRIOS E GLOSSÁRIOS REGIONAIS

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico. Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma

região, e é nesse aspecto que se comportam os dicionários regionais populares da região nordestina.

Observando alguns dicionários: da Bahia, de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará, do Piauí e do Maranhão, desses, apenas dois são mais tradicionais, o da Paraíba, de Horácio de Almeida, historiador e dicionarista e o do Rio Grande do Norte, de Raimundo Nonato, cronista riograndense do norte. Os demais são mais recentes: o da Bahia, de Nivaldo Sariú; o de Alagoas, de Elza Cansanção Medeiros, jornalista e militar, ex-combatente na Itália; o de Pernambuco, de Bertrando Bernardino, engenheiro, o do Ceará, do engenheiro Marcus Gadelha, o do Piauí, do jornalista Paulo José Cunha e o do Maranhão, de Domingos Vieira Filho. Esses têm nomes de baianês, alagoanês, pernambucquês, cearês e piauiês, palavras criadas pelos autores para se referir aos falares desses estados.

- Apenas o do Ceará e o da Bahia não apresentam exemplos ou abonações, os demais vêm com contextos que esclarecem melhor o conceito;
- Deles, apenas o da Paraíba tem a categoria ou classe gramatical das palavras e expressões;
- As palavras e expressões vêm na forma como são faladas e não na ortografia padrão. Muitas vezes, estão numa transcrição quase fonética, como em arrudiar, (arrodear) balai (balaio), caboco (caboclo);
- Os verbos não vêm na forma infinitiva, e os nomes não vêm no masculino singular, como de praxe nos dicionários;
- Os dicionários de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí são de médio porte; os da Bahia, Alagoas, Ceará e Maranhão são pequenos, do tipo livro de bolso;
- Os da Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Maranhão têm um caráter mais sério, linguístico e mesmo lexicográfico.
- Os da Bahia, Ceará, Piauí e Pernambuco são mais descontraídos, de gozação, sem qualquer preocupação lexicográfica.

O “piauiês”, com suas expressões, *Viu alma de bigode, Relabucho, Quatro Ôi, Intiriço, Gastura, Arrochar o buriti*, dentre outras tantas, é concernente às variáveis regionais do estado, como se os dialetos, gírias e neologismos de nosso estado e dos demais, citados neste texto fossem considerados como novas línguas, dado seu caráter identitário pela comunidade de fala. Com base nisso, procuramos investigar as inúmeras variantes dentro da variável espaço geográfico (diatópica) por meio da veiculação de memes na rede social Facebook.

MEMES E CIBERESPAÇO

A palavra meme tem raiz etimológica na palavra “Mimeme”, cunhada na Grécia, significa ‘aquilo que é imitado’. Porém, um dos primeiros estudos que envolviam o termo meme em seu escopo surgiu com o zoólogo Richard Dawkins, por meio de seu livro *The Selfish Gene*, publicado em 1976. Dawkins, nessa obra, relaciona o termo meme a um aspecto evolucionista e biológico, em que a difusão do meme, em analogia ao termo gene, se dá a partir de sua capacidade de perdurar durante o tempo e multiplicar-se. Para ele,

A longevidade é a capacidade do meme de permanecer no tempo. A fecundidade é sua capacidade de gerar cópias. Por fim, a fidelidade é a capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original. Ressalte-se que a propagação dos memes é cíclica e nem sempre implica a reprodução fiel da ideia original. Ao contrário, as mudanças e transformações são frequentes e comparadas, em sua abordagem, às mutações genéticas: essenciais para a sobrevivência do meme. Assim, as diferenças através das quais as pessoas repetem as ideias são, por definição, parte do meme. (DAWKINS *apud* RECUEIRO, 2009, p. 124)

A partir da linha de raciocínio de Dawkins, Blackmore (*apud* Souza, 2013, p. 128-129) acrescenta que “os memes são histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que copiamos de uma pessoa para outra através da

imitação.”. O conceito de redes sociais também vai ao encontro das ideias de Dawkins, mesmo que ele se refira a uma perspectiva biológica. Conforme Recuero (2009), as redes sociais funcionam a partir da metáfora de rede, em que dois fatores são fundamentais para a circulação do conteúdo, a saber: atores (sujeitos, grupos e/ou instituições) e suas conexões no ciberespaço. Esses fatores se modificam no tempo, por meio de uma estrutura dinâmica e, assim, mudam a constituição da própria rede. As dinâmicas sociais, nesse sentido, são formadas a partir de interações sociais, que permitem ao sistema social a adaptação e a produção de comunicação.

A partir disso, podemos afirmar que o meme que emerge a partir do contexto das tecnologias digitais possui seu ambiente específico, o qual propicia sua construção e rápida circulação e, além disso, é necessário considerar seus aspectos composicionais, uma vez que o ciberespaço lhe confere natureza multimodal. Dessa maneira, ao trazer o conceito de memes para a cibercultura, percebemos que eles podem ser construídos a partir do uso concomitante de imagens, vídeos, músicas e/ou textos criados com o objetivo de gerar humor. Como os memes são veiculados na estrutura dinâmica do ciberespaço, sua propagação é ampla e ocorre rapidamente, porém, o tempo de duração e popularização de um meme é incerto, podendo durar dias, meses ou anos.

SURICATE SEBOSO

A página “Suricate seboso”, contida nas redes sociais Facebook e Instagram, surgiu em Fortaleza, no estado Ceará no ano de 2012, pelo cearense Diego Jovino. Atualmente, além de Diego, a página tem mais dois colaboradores: Dudu Souza e Leo Gannbiarra. Segundo consta na descrição da página do Facebook, “o Suricate Seboso é um personagem que representa a

cultura nordestina nas Mídias Digitais trazendo contos, linguajares, tradições, lendas e situações do cotidiano.”.

O intuito dos administradores da página é materializar e propagar, por meio de memes, as variações linguísticas cotidianas no que concerne ao nordeste brasileiro. Nesse sentido, por mais que os moderadores da página sejam cearenses, há diversos memes que concretizam gírias e dialetos corriqueiramente veiculados em todas as regiões nordestinas. A circulação da página na rede social mencionada é notável, uma vez que o número de curtidas ultrapassa seis milhões e o alcance da página é de aproximadamente 30 milhões.

METODOLOGIA

Conforme explicitado anteriormente, os memes da página Suricate seboso abrangem todo o território nordestino devido ao enorme alcance dela. Todavia, para constituir nosso recorte dos dados, selecionamos os memes do estado Piauí. Em algumas legendas das fotos, há o seguinte: “sugestão da(o) suricata(e) - nome do(a) leitor(a)- da cidade -nome da cidade-”. A partir disso, delimitamos nossos dados para as sugestões de leitores da página das cidades do estado Piauí. Para exemplificar, segue a figura abaixo:

O corpus desta pesquisa constitui-se de nove memes, veiculados entre os anos de 2014 a 2016. Dentre os leitores da página que residem no Piauí, encontram-se, neste corpus, registros de Teresina, Cocal, Parnaíba e Bom Jesus. A análise dos dados foi elaborada tendo como base a ordem cronológica do corpus.

ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, realizamos a análise do corpus delineado nesta pesquisa. Primeiramente, dispusemos todos os oito memes

selecionados para a concretização do presente estudo. Posteriormente, realizamos a análise do corpus, por escrito. É importante ressaltar que essa análise foi feita abordando todos os memes porque o foco é averiguar as variações linguísticas a partir das categorias de variação destacadas nos memes, quais sejam: acréscimo, supressão, substituição, supressão e substituição, gírias e neologismo. Esses parâmetros norteadores da análise são essenciais para a quantificação e categorização do corpus.

Figura 1



Figura 2

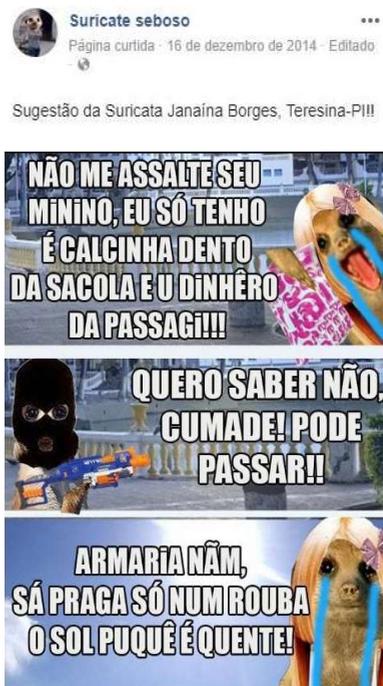


Figura 3



Só quer ser ár prega uma praga dessa. Sugestão do Suricate Jadson Fontes Carvalho, Teresina-PI !!!

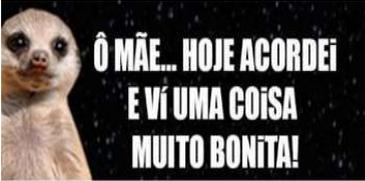


Figura 4



Sugestão do Suricate João Filho, Teresina - PI

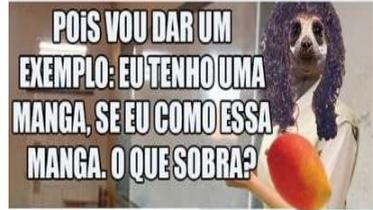


Figura 5



Sugestão da Suricata Beatriz Oliveira. Teresina-Pi



Figura 6



Tirou de tempo ô!!!! Sugestão da Suricata Maria Layane. Teresina-Pi



Figura 7



Sugestão da Suricata Karynna Emanuelle Cocal-PI



Figura 9



e a mãe falava "TIIIIRE A MÃO" kkkkkkkk Sugestão do suricate Adriano Rodrigues. Bom Jesus-PI



Figura 8



saiu o gabarito e a toinha pediu pra eu conferir!
kkkkk Sugestão da Suricata Fernanda Maria.
Parnaíba-PI
por: Diego Jovino



Com base nos nove memes delineados acima, nossa análise prosseguirá ao evidenciarmos os processos de variação linguística em diversos âmbitos, a saber: substituição, acréscimo ou supressão de algum(ns) componente(s) dos vocábulos. Também iremos classificar as variantes como sendo gírias e/ou neologismo. A classificação segue abaixo:

- **Supressão:** Na figura 1, há a diminuição do fonema final em “mandanu” e “mercadim”. Na figura 2, a supressão se dá através das palavras “dinhêro”, “passagi” e “cumade”. Há a supressão final presente na figura 3, no termo “espêi” e “fi”. Na figura 5, há diminuição em “deixô”. Por fim, destaca-se supressão também no termo “armaria”, nas figuras 1, 2 e 5.
- **Substituição:** Verificamos a existência do vocábulo “rái”, presente nas figuras 5 e 9; também, na mesma figura, há a troca do fonema final em “nãm”. De forma semelhante, há a ocorrência do nãm nas figuras 1 e 2. O mesmo acontece com a palavra “num”, presente nas figuras 1 (quatro ocorrências), 6 e 7. Na figura 7, também há a substituição do fonema final por meio da palavra “ár”. Na figura 6, também há a troca nas palavras “sinhora” e “ur”. Na figura 2 há esse fenômeno presente em “minino”. Por fim, encontramos substituição na figura 3, através do vocábulo “mermu”.
- **Supressão e substituição:** Além da supressão e da substituição isoladamente, notamos a presença concomitante dos dois fenômenos. Na figura 1, isso se dá por meio do vocábulo “rô”. A substituição e supressão também se faz presente na figura 2, através do uso de “puquê”. Também encontramos esse fenômeno na figura 4, no termo “pufessôra”.
- **Gíria:** Observamos a presença da seguinte gíria: “pisa”, na figura 1.
- **Neologismo:** Há a presença dos seguintes vocábulos que notamos se tratar de neologismos: “intelijumento”, na figura 1, “arriégua”, na figura 8; “armaria nãm”, nas figuras 2 e 5, ou “armaria” (figura 1); e “vala mideuzu” na figura 6.

A partir dos dados quantificados e categorizados na discussão acima, podemos perceber que os maiores casos de variantes linguísticas materializados nos memes do Piauí são aqueles que dizem respeito à substituição de partes do vocábulo. Além disso, os fenômenos de supressão e supressão e substituição também são evidentes nos memes em análise. Como os memes constituem textos multimodais, é importante mostrarmos que, para Bagno (2003, p. 55), “a mera forma escrita não é capaz de traduzir as inflexões e intenções pretendidas pelo falante.”. Ao trazermos essa citação para os dados coletados nessa análise, é possível perceber que, além da materialização de dialetos regionais do Piauí na escrita, a intenção também se estende a causar humor nos leitores. Para isso, há a concretização das intenções comunicativas e os efeitos de sentido suscitados a partir dos recursos visuais e imagéticos expostos nos memes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento das redes sociais proporcionou mudanças na comunicação entre as pessoas, seja em escala local, nacional ou internacional. Através delas é possível reduzir a distância entre as pessoas; conhecer culturas desconhecidas (mesmo que, no primeiro momento, limite-se ao virtual); acompanhar as notícias em tempo real e saber o que as marcas estão nos comunicando diariamente.

As mídias sociais disponíveis, principalmente através dos dispositivos eletrônicos - como celulares, tablets e notebooks - permitem movimentos de aproximação entre as culturas, manifestados, por exemplo, através da interação, do debate e da opinião compartilhada. Além disso, há a possibilidade de atuar apoiando, discordando ou divulgando ideias com pessoas de várias partes do mundo. Nas redes sociais, como o Facebook, seguimos pessoas e empresas de acordo com o perfil que

traçamos; compartilhamos, comentamos, reagimos, curtimos fotos, vídeos e textos que estão disponíveis na rede – características essas que definem o perfil de cada usuário.

A página do Suricate seboso, no Facebook, permitiu-nos averiguar, por meio dos memes expostos, a partir de informantes piauienses, as diversas formas de manifestações da linguagem local e suas possibilidades de variações que foram analisadas com base na teoria variacionista e os resultados encontrados mostram como a língua da comunidade analisada está em movimento constante e permite o dialogismo entre seus usuários.

Conforme pudemos observar neste trabalho, a língua encontra-se em constante transformação, este processo de evolução é algo inerente à língua, pois seu uso e concretização são interdependentes à cultura de determinada comunidade linguística. Este estudo procurou analisar as recorrências das variantes linguísticas, sobretudo aquelas presentes na variedade extralinguística espaço geográfico, encontradas na materialização do discurso oral em memes da página “Suricate seboso”. Por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da análise dos memes que temos como objeto de estudo, buscamos explorar as dimensões da língua através de seu entendimento e de sua veiculação, e não apenas sob a ótica da norma culta.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2003.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CALVET, L.- J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 141-155.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Carolina Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2000.
- RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SOUZA, C. F. Memes: formações discursivas que ecoam do ciberespaço. *Vértices*, vol. 15, n. 1, p. 127-148, jan/abr 2013.
- SURICATE SEBOSO. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/suricateseboso>>. Acesso em 22 de maio de 2018.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2003.

CAPÍTULO 4

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: É POSSÍVEL ARTICULÁ-LOS?

Josenildo Barbosa Freire

Carlos Wilson de Jesus Pedreira

INTRODUÇÃO

A visão laboviana de variação linguística assume que processos variáveis são inerentes ao sistema linguístico e que a realização desses fenômenos tem uma motivação social, sendo desencadeados nas comunidades de fala. Assim, a abordagem variacionista coloca ênfase na natureza social da linguagem humana.

Essa ênfase não é recente na agenda linguística. A preocupação em torno dos usos sociais da linguagem está assinalada desde os trabalhos de Schuchardt (HORA, 2004; FARACO, 2005) e os de Meillet (2020[1906]), por exemplo, que apontaram que a estrutura social é um elemento desencadeador de variações perpétuas. Portanto, a língua não deve ser estudada em si mesma, como uma entidade autônoma, mas principalmente voltando o olhar para a estrutura social que condiciona os usos linguísticos.

Assim, entendemos que toda língua natural exhibe processos e fenômenos variáveis, e, no português brasileiro (doravante, PB) não é diferente. Diversos estudos (ZILLES, 2007; SCHERRE; NARO; YACOVENCO, 2018; PEDREIRA, 2017; FREIRE, 2019; dentre outros) atestam que os usos da concordância verbal de primeira pessoa do plural, tanto na língua escrita quanto na língua falada, constituem uma regra variável nos moldes labovianos. Isso decorre, também, do fato de que a concordância verbal é um traço linguístico que distingue

normas sociolinguísticas existentes em diferentes comunidades de fala (FARACO, 2019).

Sendo assim, por um lado, compreender o comportamento sociolinguístico dessa regra variável no PB e, por outro, pensar em estratégias didático-pedagógicas adequadas ao seu tratamento escolar são questões que permeiam o núcleo da Teoria da Variação e da Mudança (LABOV, 1963; 1966; 2008 [1972]) e, podem desse modo, favorecer a realização do ensino de língua materna a partir de uma abordagem linguística. Essa abordagem pode ser feita à luz do que propõem alguns documentos oficiais (BRASIL, 1997a, 1998, 2016, por exemplo).

Também, reconhecemos que a abordagem de caráter prescritivo da gramática tradicional (doravante, GT) dispensada aos fenômenos da concordância verbal da primeira pessoa é insuficiente, incompleta e reducionista no ensino de português. Sobretudo, porque não capta os usos linguísticos tais como estão sendo realizados pelos falantes em contextos reais de uso efetivo da língua. Repensar sobre a postura da GT e sua perspectiva estética de língua constitui uma tarefa da pesquisa linguística, não só variacionista, mas de outros campos de estudos descritivos.

Neste trabalho, objetivamos (i) discutir possíveis relações entre a variação linguística e o ensino de língua materna e (ii) apontar algumas intervenções didático-pedagógicas que deem conta da reflexão resultante do objetivo anterior no contexto escolar brasileiro. O objeto de estudo selecionada é a concordância verbal de primeira pessoa do plural em textos produzidos por alunos de duas escolas públicas do interior do Rio Grande do Norte. A abordagem adotada está situada no quadro teórico e metodológico da sociolinguística de vertente variacionista (LABOV, 1963; 1966; 2008 [1972]).

Assim está organizado o capítulo: na primeira seção, apresentamos a abordagem assumida pela GT em relação à concordância verbal; na segunda, situamos a perspectiva teórico-metodológica que assumimos como ancorarem e fundamentação; na terceira, descrevemos e analisamos os dados; na quarta seção, apresentamos um modelo de intervenção pedagógica para o tratamento da concordância verbal de primeira pessoa do plural e, por fim, assinalamos algumas considerações finais.

CONCORDÂNCIA VERBAL: O QUE DIZ A GT

Vejamos como um exemplar da GT ilustra o processo de concordância verbal. A escolha por um exemplar justifica-se pelo fato de a abordagem utilizada por outros compêndios gramaticais da GT ser muito semelhante e destoando minimamente uma da outra.

Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 485-540), o fenômeno da concordância verbal consiste na: “[...] solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”.

Os referidos gramáticos ainda apresentam as regras gerais para o emprego da concordância verbal no português: com um só sujeito, deve-se (i) o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito, venha ela claro ou subentendido, e com mais de um sujeito, deve-se (ii) o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá: (iii) para a 1ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um de 1ª pessoa; (iv) para a 2ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1ª pessoa, houver um de 2ª e (v) para a 3ª pessoa, se os sujeitos forem da 3ª pessoa.

Por fim, Cunha e Cintra (1985) enumeram os “casos particulares” que não são objetos das regras gerais. Não iremos retomá-los porque não se referem à concordância da primeira pessoa do plural, nosso objeto de investigação.

Retomando o conceito formulado por Cunha e Cintra (1985) de concordância verbal, o que logo saltam aos olhos é que esse processo está relacionado à noção de “solidariedade entre verbo e sujeito”, mas o que significada mesmo dizer que há solidariedade entre esses termos da oração? Parece mais uma definição filosófica do que algo operacional, sobretudo, quando pensamos em operacionalizá-la para alunos dos anos iniciais da Ensino Fundamental.

Pilati (2017, p. 37), também ao discutir essa temática, contudo faz à luz da teoria gerativista, assinala que o termo “[...] solidariedade não diz muito sobre um fenômeno de compartilhamento de propriedades gramaticais entre elementos da oração”. Essa confusão conceitual é bem própria da GT (SILVA; MEDEIROS, 2016).

Outrossim, seguindo o que prescreve a regra da concordância verbal de Cunha e Cintra (1985) que, não é diferente de outros compêndios gramaticais dessa mesma natureza, realizações linguísticas encontradas em nosso corpus como em: (i) “... a gente fumo dormir...”; (ii) nós chegouϕ cedo...”; e (iii) “...em fortaleza, nós perdemoϕ o caminho...” em que não há a tal de solidariedade entre sujeito e verbo, uma vez esses enunciados não apresentam, por exemplos, os morfemas de número-pessoa ou número-plural correspondentes ou o uso de uma expressão pronominal no singular com verbo no plural, portanto, recebem o rótulo de “erradas, desviantes, corruptoras da boa língua; enquanto que a ocorrência em (v)“...internet, nós nos divertimos bastante...” é classificada como correta e constitui objeto de ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa.

A abordagem da GT assume uma perspectiva não científica de linguagem em detrimento da Linguística que reconhece e segue um arcabouço teórico-metodológico amplamente divulgado nos meios acadêmicos, testando, confirmando ou refutando hipóteses por exemplo (SILVA; MEDEIROS, 2016), como faz a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1963; 1966; 2008 [1972]) que descrevemos na seção seguinte.

Silva e Medeiros (2016) enumeram pelo menos três problemas centrais da GT: (i) seleciona fatos que considera pertinente com base no que espera obter; (ii) uso de uma terminologia impositiva oriunda da NGB (Norma Gramatical Brasileira) que não capta dinamicidade dos usos sociolinguísticos e (iii) encontram-se contradições nas suas postulações. Reconhece-se, desse modo, que mesmo que GT faça um tipo de análise e de descrição linguística, mas não capta a dimensão referente aos usos efetivos da língua como é amplamente feito pelas diversas perspectivas da Linguística.

Um exemplo dessa realidade vem dos apontamentos de Longhin et al. (2019) em relação aos usos de determinadas conjunções adversativas. Os referidos autores assinalam que o item lexical *nem*, que, na perspectiva da GT, é apontado como juntor aditivo, mas que na abordagem linguística, no quadro funcionalista, é descrito e analisado como *operador de ênfase* e de *polaridade negativa*. São tratamentos diferentes que captam nuances de sentido diferentes.

Como veremos a seguir, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística é profundamente marcada por um forte componente empírico e assim distancia-se da abordagem assumida pela GT.

Na próxima seção, apresentamos alguns pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança que é uma abordagem linguística.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1963; 1966; 2008 [1972]) surge na década de 1960, nos Estados Unidos, liderada pelo linguista W. Labov. Seu surgimento está relacionado ao descontentamento que as abordagens estruturalistas e gerativistas dispensavam à língua ao concebê-la como uma entidade autônoma e ao assumir que o conhecimento linguístico independe do uso.

Labov assume em seus pioneiros trabalhos outra direção: a de que os usos linguísticos são condicionados tanto por restrições de ordem linguística (interna, estrutural) como por fatores de natureza social (externa), de modo que a estrutura social constitui o elemento central e provedor de variações na língua, assinalando que língua e sociedade são instâncias inseparáveis.

Este postulado já está no interior das pesquisas linguísticas desde as investigações de Schuchardt (HORA, 2004; FARACO, 2005) e ganhou maior visibilidade nos trabalhos de linguística geral desenvolvidos por A. Meillet (2020 [1906]).

Segundo Faraco (2005), Schuchardt além de relativizar a concepção de língua adota pelos neogramáticos, destacou-se sobretudo ao “[chamar] a atenção para a imensa gama de variedades de fala existente numa comunidade qualquer, variedades essas condicionadas por fatores como o gênero, a idade, o nível de escolaridade do falante [...]” (FARACO, 2005, p. 39) e ainda assinalou que “[...] o contexto social e cultural da língua é visto como condicionante básico da variação e, dentro dela, da mudança” (FARACO, 2005, p. 39).

Meillet (2020 [1906]), por sua vez, antecipa vários dos postulados assumidos posteriormente pela Teoria da Variação e da Mudança Linguística, criando as bases epistemológicas para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) lançarem fundamentos empíricos para uma teoria da variação e mudança linguística, maiormente ao destacarem que as variações linguísticas são consequências das mudanças sociais.

Contudo, o grande impulso para consolidação da Teoria da Variação e da Mudança Linguística como um campo/disciplina da Linguística se deu com os pioneiros trabalhos realizados por Labov em duas comunidades de fala, nos EUA, Martha's Vineyard e Nova York. Labov investigou a centralização dos ditongos (ay) e (aw) e apagamento do (r), evidenciando que o foco deve estar na abordagem da linguagem em seu contexto social de uso e não apenas na estrutura da língua.

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística consegue, após um longo caminho de estudos linguísticos centrados na noção de imanência – fatos linguísticos sendo explicados por outros fatos linguísticos -, introduzir com sucesso o componente social como forma de explicação dos usos da língua. Para tanto, assumiu que há uma relação inseparável entre língua e sociedade.

Posteriormente, a heurística dessa abordagem linguística foi enriquecida com as contribuições de modelos matemáticos e computacionais como ferramentas de descrição e análise linguística. Por exemplo, Cedergren e Sankoff (1974) apresentam um modelo teórico-metodológico baseado em dados estatísticos e probabilísticos para dar suporte ao conceito de regra variável que constitui uma categoria central da Teoria da Variação e da Mudança Linguística.

A concepção de regra variável opõe-se ao longo caminho central percorrido pela teoria linguística e contradiz o paradigma de categoricidade que ainda há em algumas abordagens linguísticas.

De acordo com Hora (2004, p. 21):

O uso da regra variável permite ao variacionista extrair as regularidades e tendências dos dados, podendo, através dela, determinar como a seleção de uma estrutura linguística é influenciada pelas configurações específicas dos fatores que caracterizam o contexto em que ela ocorre.

Ainda nessa esteira, Sankoff, Tagliamonte, Smith (2005) organizam o pacote de programa denominado de Goldvarb X, o qual fornece o índice de peso relativo como parâmetro de aplicação ou não de uma regra variável analisada. Esse programa continua ainda sendo bastante utilizado na pesquisa variacionista e toma como medida de aplicação de regras variáveis nas línguas.

O corpus de nossa análise foi constituído de noventa e um textos narrativos, especificamente pertencentes aos gêneros textuais /discursivos memórias literárias e crônicas, produzidos por alunos de duas escolas da rede pública de ensino, sendo uma da esfera municipal e outra da esfera estadual. Os alunos cursavam do 6º ao 9º do Ensino Fundamental. Contudo, durante a coleta e codificação das ocorrências, doze textos foram retirados, pois não apresentaram nenhuma frase relacionada à variação entre *nós* e *a gente*.

Os textos foram produzidos na disciplina de Língua Portuguesa/Produção de Textos, no ano letivo de 2017, sob a regência de um dos autores deste trabalho, a partir do protocolo no qual os alunos participantes teriam que relatar/narrar uma viagem significativa e marcante que já haviam participado. A escolha desse gênero textual/discursivo deve-se ao fato de os gêneros textuais/discursivos, sendo entidades sócio-discursivas

ou práticas sócio-históricas variáveis, que podem permitir a emergência de variantes linguísticas de baixo prestígio social. Assim, partimos do pressuposto de que os gêneros textuais/discursivos eleitos para esta investigação constituem situações comunicativas favorecedoras do uso de formas linguísticas de baixo prestígio social.

Também podemos ponderar que esses gêneros textuais /discursivos escolhidos podem refletir o vernáculo (LABOV, 2008[1972]) dos seus produtores, isto é, o estilo em que há menos monitoração e desse modo favorece o uso de variantes de baixo prestígio sociolinguístico.

Na seção posterior, realizamos a descrição e análise dos dados coletados.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a codificação e a submissão das ocorrências encontradas ao Pacote de Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), os resultados da distribuição geral das variantes são descritos na tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição das variantes no *corpus* analisado

VARIANTES	FREQUÊNCIA/PERCENTUAL	EXEMPLO
Sujeito não explícito	148/336 = 44.0%	Viajamos!
Pronome de 1ª pessoa + verbo correspondente no plural	61/336 = 18.2%	Nós fomos!
Expressão pronominal <i>a gente</i> + verbo no singular	62/336 = 18.5%	A gente jogou.
Sintagma nominal + eu + verbo correspondente no plural	34/336 = 10.1%	Meus amigos e eu fomos...
Expressão pronominal <i>a gente</i> + verbo correspondente no plural	1/336 = 0.3%	A gente saímos!
Pronome de 1ª pessoa + apagamento de morfemas	25/336 = 7.4%	Nós pulamoϕ/ Nós estudaϕ

de plural -s ou morfema modo-temporal -mos		
Sintagma nominal + eu + verbo no singular	5/336 = 1.5%	Meus irmãos e eu foi pular

Fonte: Freire, 2019.

De acordo com a tabela 1, os dados indicam que há um processo de variação linguística entorno dos usos da primeira pessoa do plural nos dados coletados, demonstrado nas várias variantes linguísticas identificadas. Esses achados também atestam que a variação linguística está presente também na modalidade escrita da língua.

A maior ocorrência é verificada com a variante *sujeito não explícito*, com percentual de 44%. Essa forma não é alvo de sanção, desconforto e preconceito linguístico.

Em seguida, sem diferenças matemáticas significativas entre elas, podemos ver as formas *pronomes de 1ª pessoa + verbo correspondente no plural* e *expressão pronominal a gente + verbo no singular*, respectivamente, com percentuais de 18.2% e 18.5%. E, assim, segue com as variantes exibidas na já referida tabela.

Não iremos detalhar esses resultados. Eles já estão em Freire (2019), mas tomá-los, a seguir, para propor um tratamento didático.

A seguir, expomos uma proposta de intervenção pedagógica.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Em Freire (2020), propusemos uma alternativa para a intervenção pedagógica no ensino de português em relação à concordância verbal. Nesta proposta, reescrevemos o esquema apresentando no PCN, ou seja, o esquema USO → REFLEXÃO → USO (BRASIL, 1998, p. 44) por IDENTIFICAÇÃO DO FATO SOCIOLINGUÍSTICO → ATIVIDADE REFLEXIVA → USO CONSCIENTE. Retomemos essa abordagem de ensino.

Esse modelo de trabalho pedagógico pode constituir um possível caminho a ser trilhado pelo professor de língua portuguesa que quer: (i) entender o funcionamento real da concordância verbal que de fato ocorre na comunidade de fala e (ii) visa a desenvolver práticas de ensino-aprendizagem significativas no contexto escolar. Também, reconhecemos que essa forma de trabalho se distancia substancialmente da perspectiva prescritivista da GT.

Assim, nossa proposta consiste no caminho inverso daquele oferecido pela GT. Segundo no esquema básico: IDENTIFICAÇÃO DO FATO SOCIOLINGUÍSTICO → ATIVIDADE REFLEXIVA → USO CONSCIENTE, o professor de Língua Portuguesa deverá necessariamente desenvolver atividades e estratégias que permitam traçar o perfil sociolinguístico dos falantes da comunidade de fala em que a escola está inserida, visto que a variação linguística é inerente ao sistema da língua, constituindo propriedade e fato intrínseco a ela. Essa prática possibilitará responder algumas perguntas: (i) quem é o meu aluno sociolinguisticamente? (ii) Que usos efetivos faz da língua? (iii) Quais variantes linguísticas estão presentes em diferentes contextos, estilos, registros da sua interação verbal?

Tendo alcançado as respostas a essas perguntas, o professor partirá para o segundo elemento do esquema intervencionista de práticas significativas de ensino de língua materna, isto é, a realização de atividades que permitam a reflexão sobre os usos da língua. Para tanto, pode-se apoiar nas atividades linguísticas (HILGERT, 1989; MARCUSCHI, 1992), epilinguísticas (BARROS, 1990) e metalinguísticas ALVES, 2005) no funcionamento da linguagem humana.

Essas atividades reflexivas constituem formas de compreender o funcionamento da língua conforme os contextos

sociais de uso que envolvem recursos expressivos da língua (saber como usar a língua de forma produtiva) e a compreensão da análise do sistema da língua (conhecer a gramática de uma língua, descrição, categorização e sistematização dos elementos linguísticos).

Por fim, o terceiro passo é o do uso consciente das formas variáveis que a língua dispõe. Entendemos por uso consciente da língua os usos linguísticos que se adequam aos contextos de interação comunicativa, assim, o aluno deverá ser capaz de manusear a língua conforme o grau de aceitabilidade, formalidade, por exemplos, que se manifestam por meio de registros, estilos, vernáculos etc. diferentes e diversos.

Esse caminho alargar o conhecimento de linguístico do aluno que sai de uma visão reducionista de usos da língua, como certo x errado, para os variados usos que a língua licencia para o falante de uma dada língua.

Essa nossa proposta está também de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 87) que de forma explícita, nas competências de número 1, 4 e 5, estabelece:

1. “Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual”.

Assim, seguindo no esquema IDENTIFICAÇÃO DO FATO SOCIOLINGUÍSTICO → ATIVIDADE REFLEXIVA → USO CONSCIENTE e o que propõe a BNCC (BRASIL, 2018) temos condições de realizar práticas pedagógicas menos

preconceituosas, que não sejam alvo de sanção e de desconforto social.

A seguir, assinalamos as nossas considerações finais deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a variação linguística em sala de aula faz com que o professor e os alunos tenham uma visão ampliada do que seja a língua em interação, em constante processo de variação e quem sabe de mudança linguística.

Ao trazer essa temática para a sala de aula o estudo da Língua Portuguesa e as questões que envolvem o seu uso, tanto na fala quanto na escrita, é bastante enriquecedor para o aluno, pois será o momento em que ele conhecerá o quanto essa língua pode variar conforme a situação e o contexto de interação.

Assim, ao perceber que a língua que ele utiliza na sua comunidade serve de estudo na escola, o aluno se sentirá como uma pessoa importante, uma vez que sua fala é objeto de estudo e aprendizado na escola. Mas, para trazer a variação para o centro de discussões da escola, o professor deve estar munido de boas leituras para não deixar o preconceito ganhar essa discussão.

É com conhecimentos adquiridos com essas leituras que o professor conseguirá transitar nas variações e/ou mudanças que a língua apresenta sem achar que está deixando de ensinar ao aluno o “certo”, o que traz a maioria dos compêndios escolares. Falar de variação e mudança da língua em sala de aula é fundamental e necessário, pois o aluno se sente um estranho nas aulas de Língua Portuguesa por não compreender o que é ensinado pelo professor, a maioria encara as aulas de Língua Portuguesa como se fosse uma língua estrangeira sem necessariamente ser como o inglês.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, R. O. de. *Saberes gramaticais: formas, normas e sentidos no espaço escolar*. São Paulo: Parábola, 2017.
- BASSO, R. M. *Descrição do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2019.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Brasília: MEC/SEF, 1997a*. Disponível em: < www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01 >. Acesso em: 04 de agosto. de 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Brasília: MEC/SEF, 1998*. Disponível em: < www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues >. Acesso em: 04 de agosto. de 2020.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2016. Disponível em: < www.basenacionalcomum.mec.gov.br >. Acesso em: 02 de nov. de 2018.
- CEDERGREM, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, v. 50, n. 2, p. 332-335, 1974.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001[1985].
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. S. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Parábola, 2017.
- FARACO, C. A. *História do Português*. São Paulo: Parábola, 2019.
- FREIRE, J. B. Concordância da 1ª pessoa do plural: o que dizem os textos escolares?. *Primeira Escrita*, v. 06, p. 157-168, 2019.
- FREIRE, J. B.. Reflexões sobre ensino-aprendizagem de língua materna e variação linguística. In: Marcele Aires Franceschini; Jefferson Campos; Hertz Wendell de Camargo. (Org.). *Imagens*,

discursos e textualidades culturais. 1 ed. Londrina: Syntagma Editores, 2020, v. 1, p. 123-151.

- FREITAG, R. M. Ko.; SANTANA, C. C. de; ANDRADE, T. R. C. de; SOUSA, V. S. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, R. M. Ko.; SEVERO, C. G.; GÓRSKI, E. M. (Org.). *Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos*. p. 139-160. São Paulo: Blucher, 2016.
- HORA, D. da. *Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Pallotti, 2004.
- LABOV, W. *The social motivation of sound change*. *Word*, n. 19, p. 273-307, 1963.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola, [1972] 2008.
- LONGHIN, Sarderléia Roberta; PESATTI, Erotilde Goreti; MARQUES, Norma Novaes. A Coordenação. In: CASTILHO, Ataliba T. de (Coordenador). *História do Português brasileiro: mudança sintática das construções: perspectiva funcionalistas*. – São Paulo: Contexto, 2019. p.28-91.
- LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. D.E.L.T.A, n. 14, v. 2, p. 405-422, 1998.
- LOPES, C. R. dos S. *A gramaticalização de a gente em português em tempo real e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. Fórum Linguístico, v.4, n.1, p. 47-80, 2004.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. – São Paulo: Cortez, 2011.
- MENDONÇA J. J. *Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez*. 102 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.

- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 09-14.
- MEILLET, Antoine. *O estado atual dos estudos de linguística geral*. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. – São Paulo: parábola, 2020 [1906]. p. 37-52.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros* - São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- PEDREIRA, Carlos Wilson J. *Abordagem Sociolinguística sobre o Ensino da Concordância de Número no Sintagma Verbal*. Dissertação de Mestrado em Linguística – UFPB, 2017.
- PILATI, Eloisa. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. Pontes Editores: 2017.
- SAPIR, E. O gramático e a língua. In: SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969 [1924]. p. 29-42.
- SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. 2014. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2014.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X*. Computer program. Department of Linguistics, University of Toronto, Canadá. Disponível em: http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm, 2005. Acesso em: 14 de agosto de 2020.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J; YACOVENCO, Lilian Coutinho. *Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica*. Diadorim, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 20, n. 1, p. 420-450, 2018.
- SILVA, Maria Cristina Figueredo; MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Para Conhecer morfologia*. – São Paulo: Contexto, 2016.
- ZILLES, A. M. S. The Development of a New Pronoun: the Linguistic and Social Embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, n.17, v.1, p.19-53, 2005.

- ZILLES, Ana Maria S. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007.
- VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. dos S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. *Escrever na universidade: fundamentos*. São Paulo: Parábola, 2019.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Fátima Ingrid Bezerra Bonfim é mestra pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso da Universidade Federal do Piauí (NEPAD/UFPI/CNPq).

João Vitor Cunha Lopes é licenciado em Letras - Português pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bacharelado em Direito pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente, é professor substituto do Centro de Estudos Superiores de Lago da Pedra/UEMA. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão - GEPeS-MA. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Variacionista, atuando nos seguintes temas: português bacabalense; português maranhense; variação morfossintática; variação e mudança linguística.

Marcos Antônio da Silva é graduado em Letras (UFPB), especialista em Ciências da Linguagem com Ênfase em EaD (/FUNESO), e também em Língua Portuguesa e Ensino (PROLING), mestre e doutor em linguística pelo PROLING (Programa de Pós-Graduação em Linguística) da Universidade Federal da Paraíba. É atualmente professor efetivo de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação de Alagoas (IFAL), no campus Murici, e leciona a disciplina Linguística de Texto no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Práticas Sociais. Tem trabalhos publicados em anais de eventos nacionais e internacionais, diversos capítulos de livro publicados e alguns outros livros organizados.

Vilcarlos Pereira de Carvalho é graduado em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor de Língua Portuguesa - Secretaria Municipal de Educação de Teresina (SEMEC). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialectologia, atuando principalmente nas seguintes linhas de estudos e pesquisas: variação linguística, acomodação dialetal, etnografia da fala, fonética e fonologia, escrita e reescrita de textos.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Carlos Wilson de Jesus Pedreira é graduado em Letras/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE), em 1997. Especialista em Pesquisa e Educação pela Universidade da Bahia (UNEB) em 2001. Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade de Artes do Paraná (FAPR/PR). Mestre em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2017. Doutorando em Linguística pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Estudos LAPELINC (UESB/Capes). Professor de Língua Portuguesa e Técnica de Redação da rede pública do Estado da Bahia.

Josenildo Barbosa Freire é graduado em Letras/Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Guarabira/PB), em 2004. Especialista em Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), desde 2006. Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desde 2011. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desde 2016. Atualmente é membro do Grupo de Estudos Contato Linguístico (UFPB/Capes). Professor de Língua Portuguesa da rede pública municipal e estadual de Educação (Pedro Velho e RN) de ensino na Educação Básica. Sua pesquisa acadêmica centra na perspectiva do uso da língua em contextos sociais, a partir dos pressupostos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1963, 1966,1972).

, é necessário demonstrá-las por
lises sociolinguísticas, evidenciadas
nos relevantes existentes em uma
variacionistas de cunho laboviano
lidade nas pesquisas linguísticas a
lizados por Labov (1963, 1966; 2008
o, ao indicarem que os usos
o condicionados por restrições
Desse modo, os usos linguísticos
logia laboviana, uma regra variável.
e os estudos variacionistas estão na
linguística. Nesta presente obra, os
perspectiva de linguagem - ou um
e trazem à tona questões diversas
ão linguística concebida no âmbito
a Mudança Linguística. O livro está
apítulos que se interpenetram e se
ar e subsidiar a busca por padrões
do, ao destacar o elemento social
cionamento sociolinguístico. No
resenha uma revisão de literatura
os estudos sociolinguísticos, bem
de produção, avaliação e percepção
de alguns fenômenos do português
o referido pesquisador, situando os
saussurianos à consolidação da
cionista; em seguida, descreve
s realizados em torno do português
s da sociolinguística e os padrões
assinala suas palavras finais. No so

